

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA  
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

MÔNICA BEATRIZ CAMPOS VELOZO

ANÁLISE DA ESTRUTURA, CONDUTA, DESEMPENHO DA CADEIA PRODUTIVA  
DOS PRODUTOS ORGÂNICOS E AGROECOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE  
DOURADOS - MS

DOURADOS – MS  
2017

MÔNICA BEATRIZ CAMPOS VELOZO

ANÁLISE DA ESTRUTURA, CONDUTA, DESEMPENHO DA CADEIA PRODUTIVA  
DOS PRODUTOS ORGÂNICOS E AGROECOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE  
DOURADOS - MS

Monografia apresentada à Faculdade de Administração,  
Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal  
da Grande Dourados, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Me. Fabio Mascarenhas Dutra.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Clandio Favarini Ruviaro

Prof. Dr. Narciso Bastos Gomes

DOURADOS – MS  
2017

MÔNICA BEATRIZ CAMPOS VELOZO

ANÁLISE DA ESTRUTURA, CONDUTA, DESEMPENHO DA CADEIA PRODUTIVA  
DOS PRODUTOS ORGÂNICOS E AGROECOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE  
DOURADOS - MS

Esta monografia foi julgada adequada para aprovação na atividade acadêmica específica de Trabalho de Graduação II, que faz parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Administração pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

**Banca Examinadora:**

---

Profª. Me. Fabio Mascarenhas Dutra  
Universidade Federal da Grande Dourados

---

Prof. Dr. Clandio Favarini Ruviano  
Universidade Federal da Grande Dourados

---

Prof. Dr. Narciso Bastos Gomes  
Universidade Federal da Grande Dourados

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus jardineiros fiéis de longa data, meu pai e minha mãe.

*“Tenho o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto”.*

***Manoel de Barros***

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por sempre me direcionar pelos caminhos da vida e me proporcionar paciência, saúde, coragem e acima de tudo esperança por dias melhores.

Aos meus pais que me plantaram no mundo, me cultivaram e me regam até hoje com muita sabedoria e incentivo para as minhas lutas diárias e alcances de glórias.

Ao meu orientador Professor Me. Fábio Mascarenhas Dutra pela amizade e total disposição de tempo em me orientar, nunca medindo esforços para contribuir com a realização desta pesquisa, fazendo toda diferença para a conclusão deste trabalho.

A minha amiga Gabriela pela parceria ao longo destes cinco anos de faculdade, sempre unindo forças para superarmos as dificuldades e desfrutarmos de todas as conquistas.

Aos queridos colegas de classe e corpo docente da UFGD que contribuíram para o meu aprendizado ao longo desta jornada acadêmica.

E por fim aos participantes que se disponibilizaram a participar de modo a contribuir para o levantamento de dados da pesquisa.

## RESUMO

Este estudo aborda a complexa relação existente, entre a agroecologia e agricultura orgânica e a diversidade de visões que as envolvem, tornando-as sinônimos, mesmo com suas particularidades de produção. Neste contexto, a pesquisa apresenta as vantagens e desvantagens da cadeia produtiva orgânica e agroecológica, no segmento de frutas, legumes e verduras no município de Dourados-MS, visto que estas possuem como singularidade a utilização de práticas de cultivo sustentável. Assim, analisou-se o desempenho das cadeias produtivas de acordo com os agentes envolvidos e suas condutas individuais diante de cada estrutura. Foram aplicados questionários semiestruturados com questões abertas e fechadas, com entidades certificadoras, produtores orgânicos e agroecológicos e também consumidores. Os dados levantados pelo estudo foram confrontados por meio da análise de *SWOT*, a qual destacou os pontos relevantes classificando-os como forças, fraquezas, ameaças e oportunidades de cada cadeia produtiva, permitindo a melhor comparação entre as estruturas. Os resultados do estudo mostram que as diferenças apresentadas no desempenho das cadeias produtivas, são condicionadas a fatores particulares de cada uma, confirmando-se então que, apesar do cultivo ser realizado sob o manejo ecológico e sustentável e os elos integrantes também serem os mesmos, as condutas são diferentes e, conseqüentemente, o desempenho das cadeias também.

**Palavras-chave:** Agroecossistema, Sustentabilidade, Análise de *SWOT*.

## ABSTRACT

This study addresses the complex relationship between agroecology and organic agriculture and the diversity of views that surround them, making them synonymous, even with their particularities of production. In this context, the research presents the advantages and disadvantages of the organic and agroecological production chain in the fruit and vegetables segment in the municipality of Dourados-MS, since these have as singularity the use of sustainable cultivation practices. Thus, the performance of production chains was analyzed according to the agents involved and their individual behaviors before each structure. Semi-structured questionnaires were applied with open and closed questions, with certifying entities, organic and agroecological producers, as well as consumers. The data collected by the study were confronted through the SWOT analysis, which highlighted the relevant points by classifying them as strengths, weaknesses, threats and opportunities of each productive chain, allowing the best comparison between the structures. The results of the study show that the differences presented in the performance of the productive chains are conditioned to particular factors of each one, confirming then that although the cultivation is carried out under the ecological and sustainable management and the integral links are also the same, The pipelines are different and hence the performance of the chains as well.

**Key words:** Agroecosystem, Sustainability, SWOT Analysis.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: DIVERSIDADE DE SIGNIFICADOS ATUAIS DE AGROECOLOGIA .....	22
FIGURA 2: SISTEMA AGROINDUSTRIAL – CADEIA PRODUTIVA .....	30
FIGURA 3: RELAÇÃO MAIS COMPLEXA ENTRE E-C-D.....	34
FIGURA 4: ESQUEMA DETALHADO - ESTRUTURA-CONDUTA-DESEMPENHO .....	34
FIGURA 5: ESTRUTURA DA CADEIA PRODUTIVA AGROECOLÓGICA EM DOURADOS/MS .....	41
FIGURA 6: ESTRUTURA DA CADEIA PRODUTIVA DE ORGÂNICOS EM DOURADOS/MS .....	44
FIGURA 7: GRAU DE ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS – PRODUTORES AGROECOLÓGICOS .....	46
FIGURA 8: COMPRA DE INSUMOS X PRODUÇÃO DE INSUMOS – PRODUTORES ORGÂNICOS.....	52
FIGURA 9: MOTIVOS DE COMPRA DE PRODUTO ORGÂNICO X PRODUTO AGROECOLÓGICO.....	59
FIGURA 10: MOTIVOS DE NÃO REALIZAÇÃO DE COMPRA DE PRODUTO ORGÂNICO X PRODUTO AGROECOLÓGICO.....	59

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: ANÁLISE COMPARATIVA DOS ATRIBUTOS CENTRAIS EM AGRICULTURA ORGÂNICA E AGROECOLOGIA. ....	20
QUADRO 2: TIPOLOGIA DE CADEIAS AGROALIMENTARES CURTAS.....	31
QUADRO 3: ABORDAGEM TRADICIONAL DA E-C-D .....	33
QUADRO 4: ANÁLISE <i>SWOT</i> DA CADEIA PRODUTIVA AGROECOLÓGICA. ....	62
QUADRO 5: ANÁLISE <i>SWOT</i> DA CADEIA PRODUTIVA ORGÂNICA .....	63
QUADRO 6: ANÁLISE <i>SWOT</i> ENTRE AS CADEIAS PRODUTIVAS.....	64

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: IDADE DOS ENTREVISTADOS X GÊNERO DOS ENTREVISTADOS – PRODUTORES AGROECOLÓGICOS .....	46
TABELA 2: GRAU DE DESEMPENHO ATRIBUÍDO À FATORES CHAVES DA CADEIA PRODUTIVA AGROECOLÓGICA .....	49
TABELA 3: GRAU DE DESEMPENHO ATRIBUÍDO À FATORES CHAVES DA CADEIA PRODUTIVA ORGÂNICA.....	53
TABELA 4: IDADE X GÊNERO – CONSUMIDORES .....	57
TABELA 5: RENDA FAMILIAR X GRAU DE ESCOLARIDADE.....	58

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONU	Organização das Nações Unidas
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
SEMAFES	Secretaria de Agricultura Familiar e Economia solidária
PAIS	Produção Agroecológica Integrada e Sustentável
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
EBAA	Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa
Rede PTA	Rede de Projetos em Tecnologias Alternativas
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
SBCO	Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica
SPG	Sistema Participativo de Garantia
OPAC	Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade
CSA	<i>Commodity System Approach</i>
SFSC	<i>Short Food Supply Chains</i>
E-C-D	Estrutura – Conduta – Desempenho
F. L. V	Frutas, Legumes e Verduras
APOMS	Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar
AGRAER	Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural
SWOT	<i>Strenghts, Weaknesses, Opportunities, Threats</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.2 OBJETIVOS .....	18
1.2.1 Objetivo Geral .....	18
1.2.2 Objetivos Específicos .....	18
1.3 JUSTIFICATIVA .....	19
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>22</b>
2.1 AGROECOLOGIA .....	22
2.1.1 Conceito.....	22
2.1.2 Agroecologia como Ciência .....	23
2.1.3 Agroecologia como Movimento.....	24
2.1.4 Agroecologia como Prática Agrícola .....	24
2.2 PRODUÇÃO ORGÂNICA .....	25
2.2.1 Conceito.....	25
2.2.2 Prática Orgânica .....	26
2.2.3 Certificação.....	27
2.3 CADEIA DE PRODUÇÃO.....	29
2.3.1 Conceito.....	29
2.3.2 Cadeia Agroalimentar Curta.....	31
2.4 MODELO ESTRUTURA- CONDUTA-DESEMPENHO (E-C-D).....	32
2.4.1 Conceito.....	32
2.4.2 Estrutura .....	35
2.4.3 Conduta.....	35
2.4.4 Desempenho .....	35
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>37</b>
3.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA .....	37
3.2 COLETA DE DADOS .....	37
3.2.1 Método para Coleta de Dados do Fornecedor de Insumos.....	37
3.2.2 Método para Coleta de Dados do Produtor Orgânico e Agroecológico.....	37
3.2.3 Método para Coleta de Dados do Órgão Certificador .....	38
3.2.4 Método para Coleta de Dados do Consumidor.....	38
3.3 TÉCNICA DE TRATAMENTO DE DADOS .....	38
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>40</b>
4.1 ESTRUTURA.....	40
4.1.1 Estrutura da Cadeia Produtiva Agroecológica.....	40
4.1.2 Estrutura da Cadeia Produtiva Orgânica .....	41
4.2 CONDUTA.....	44
4.2.1 Conduta do Fornecedor de Insumos .....	45
4.2.2 Conduta dos Produtores.....	45
4.2.3 Conduta do Órgão Certificador .....	54
4.2.4 Conduta do Consumidor .....	57
4.3 DESEMPENHO .....	61
4.3.1 Análise <i>SWOT</i> da Cadeia Produtiva Agroecológica.....	62
4.3.2 Análise <i>SWOT</i> da Cadeia Produtiva Orgânica .....	63
4.3.3 Análise <i>SWOT</i> entre as Cadeias Produtivas .....	64

<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na década de 1960 e 1970 a agricultura mundial foi impulsionada pela chamada “Revolução Verde”, na qual as práticas de cultivo através dos modelos de produção tradicionais foram rapidamente substituídas por práticas tecnológicas (mecanização, correção e fertilização do solo, utilização de defensivos químicos) com o intuito de impulsionar a produção mundial de alimentos, principalmente em países menos desenvolvidos (NEVES, *et al.* 2004).

Com o predomínio das práticas como a monocultura, o uso excessivo de agrotóxicos, o desmatamento e o manejo inadequado do solo e da água, consequências ambientais (erosão, contaminação do solo e mananciais de água, perda da biodiversidade) e sociais (êxodo rural acentuado) tornaram nítidas a nova realidade do modelo tecnológico utilizado na agricultura (PAULUS, 1999).

No Brasil, esse processo de modernização proporcionou à agricultura uma grande força nos seus componentes estruturais, entretanto, teve também seu lado negativo aumentando a concentração de riquezas e disparidades regionais no país, o desequilíbrio ecológico e os problemas ambientais, que apesar de serem observados desde o período colonial, foi no auge da “Revolução Verde” que esses impasses ecológicos vieram à tona (GRAZIANO NETO, 1982; ASSIS; ROMEIRO, 2002).

A partir dessa revolução, segundo Assis e Romeiro (2002), os modelos de agricultura de base sustentável, a qual é contra o uso excessivo de insumos agrícolas industrializados, práticas de conhecimento tradicional e rompimento da base social da produção de alimentos, ganharam forças com o enfraquecimento da agricultura moderna, desencadeando e fortalecendo assim, correntes que se diferenciaram da agricultura tradicional, sendo estas nomeadas a partir de novos termos, denominações e filosofias (DAROLT, 2002).

Estes sistemas de produção sustentável foram intitulados como “alternativos” e apresentaram numerosas diferenciações que deram origem a várias denominações, sendo assim diferenciados por implicações técnicas, sociais, legais, filosóficas e éticas, definindo sistemas sociais produtivos resultantes em atividades e produtos diversificados presentes na organização social (DULLEY, 2003).

Para Assis (2005), no Brasil a agricultura alternativa foi contextualizada pelo mercado (consumidores e ofertantes) pelo termo “orgânico”, em decorrência desta ter se tornado a corrente mais difundida. Ressalta-se que o mesmo termo foi utilizado em documentos oficiais de organismos internacionais (ONU, UNCTAD, FAO) e também na regulamentação nacional

desse sistema alternativo de produção, através da Instrução Normativa nº 7 de 17 de maio de 1999 e, mais atualmente, consolidando-se na Lei 10.381, de 23 de dezembro de 2003 (MAZZOLENI & NOGUEIRA, 2006; BRASIL, 1999; 2003).

Paralelo à utilização do termo “orgânico”, a agroecologia surge como sinônimo deste primeiro, onde apesar de ambas se referirem à ecologia e questionarem o modelo tecnológico implantado durante o século XX, cada uma se sustenta em definições e paradigmas diferenciados (ABREU *et al.* 2012).

O sistema orgânico de produção tem por definição como uma metodologia de produção agrícola de cultivo da terra, baseado em princípios agroecológicos o qual não utiliza insumos químicos e se caracteriza por um processo que leva em conta a relação com o solo, a planta e o ambiente, com o intuito de preservar o meio, utilizando técnicas tradicionais e modernas de produção ecológica (PENTEADO, 2003; MEIRELLES; RUPP, 2014).

A prática de cultivo com base agroecológica, segundo Altieri (2004; 1989), é um enfoque teórico e metodológico que sem levar em conta as disciplinas científicas, integra princípios agrônômicos, ecológicos, socioeconômicos e utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais, com propósito de proporcionar as bases científicas (princípios, conceitos e metodologias) para apoiar o processo de transição do atual modelo de agricultura convencional para estilos de agricultura sustentável em diversas formas.

Estabelecida tais distinções semânticas entre ambas as correntes de agricultura sustentável, para Moro (2011), após uma análise conceitual de diversos autores sobre a definição de agricultura orgânica e produção agroecológica, concluiu-se que um dos motivos que separa tais sistemas alternativos de produção agrícola, ocorre quanto à inserção dos produtos derivados destes no mercado convencional de alimentos.

Ao mesmo tempo este fato se contrapõe, devido que em lei, a produção agrícola alternativa é entendida como “orgânica”, logo, os desafios enfrentados unem ambas as cadeias produtivas (orgânica e agroecológica), resultado do tamanho ganho de mercado ocorrido no setor nos últimos anos conforme afirma Ming Liu, coordenador executivo do *Organics* Brasil (2015).

Os agricultores familiares do Mato Grosso do Sul estando cientes da importância da agricultura de base agroecológica, passaram a adotar preceitos sustentáveis nas diversas regiões do estado, caracterizando assim um processo de transição, apesar do acúmulo de grandes desafios e dificuldades a serem superados (PADOVAN *et al.*, 2009; PADUA-GOMES, 2014).

Exemplo dessas dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar sobre a produção agroecológica, diz respeito ao fato que nem sempre as exigências estabelecidas em lei são de fato atendidas por esse sistema. Como exemplo, a proximidade de áreas com monocultivo e utilização de agrotóxicos, dificuldade do controle de insetos e doenças que prejudicam os cultivos, assistência técnica deficitária, poucos recursos para investimentos na área, pouco acesso às tecnologias adequadas ao modo de produção agroecológico e a falta de insumos (PADUA-GOMES *et al.*, 2014).

Enquanto aos produtos orgânicos, uma das dificuldades enfrentadas pelo sistema, é a confiabilidade da comercialização afetada pela distância entre o local de produção e o mercado consumidor, aumentando a preocupação quanto à qualidade dos produtos ofertados (BRANCHER, 2004). Além dos impasses com a certificação, sendo estas de elevado custo, há a falta de informação sobre o processo por parte dos agricultores, falta de interesse e muitas vezes ausência de sistema cooperativo para auxiliar na certificação (SOARES, *et al.*, 2013).

No estado de Mato Grosso do Sul, é possível identificar dinâmicas de duas naturezas no incentivo à agroecologia, uma delas é por meio de ações governamentais e outra realizada pela sociedade civil por meio de organizações de agricultores e de movimentos sociais, que de forma relevante acabam se inter-relacionando em algum momento apesar de estarem desarticuladas, contribuindo assim para a fomentação da agroecologia no estado (PADOVAN *et al.*, 2002).

Segundo Landmark Ferreira Rios, secretário da Secretaria de Agricultura Familiar e Economia Solidária (SEMAFES), no município de Dourados a Prefeitura instalou feiras agroecológicas com a participação dos produtores do projeto de Produção Agroecológica Integrada (PAIS) de Vila Vargas, Assentamento Lagoa Grande, Comunidade Quilombola, Comunidade Indígena e, ainda, produtores individuais da região periférica do município, contando com a implantação de cerca de 30 hortas PAIS no final do ano de 2015, através do projeto fomentado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) Regional Sul (DOURADOS, 2015).

A Secretaria Municipal de Educação do município, seguindo a linha de incentivos criou o “Programa Mais Educação” juntamente com o apoio da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Sindicato Rural e Senar/MS, tendo nas 45 escolas da Rede Municipal de Educação na cidade, 16 unidades com hortas já implantadas com base de práticas orgânicas, tendo como principal proposta a busca pela sustentabilidade com a priorização da segurança

alimentar, prática de cultivo agroecológicos, combate a degradação do meio ambiente e o consumismo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas (DOURADOS, 2015).

Apesar dos exemplos de fomento a cultura agrícola sustentável no município de Dourados, a falta de dados e informações específicas sobre as cadeias produtivas de base orgânica e agroecológica, dificultam a identificação das reais circunstâncias de mercado e perspectivas de crescimento para ambos os sistemas agrícolas alternativos.

Destaca-se assim, a importância de se desmistificar a cadeia produtiva orgânica e agroecológica para os produtores do município estudado, partindo da perspectiva de que o mercado define produto orgânico e agroecológico como sinônimos, porém, ambos possuindo suas particularidades, questionando-se então:

Quais as vantagens e as desvantagens da cadeia produtiva orgânica e agroecológica para os produtores do município de Dourados/MS, tendo como singularidade entre as duas cadeias a utilização de práticas de cultivo sustentável?!

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Essa pesquisa tem como finalidade comparar o desempenho da cadeia produtiva de orgânicos e sistema agroecológico na produção de frutas, verduras e legumes (F.L.V.) no município de Dourados/MS, tendo como princípio de análise as condutas individuais de cada agente envolvido e a estrutura que o mercado propõe.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a. Identificar todos os agentes e condições básicas para a formação da cadeia produtiva dos produtos orgânicos e produtos agroecológicos;
- b. Verificar os gargalos de cada cadeia produtiva, de acordo com os elos participantes;
- c. Analisar o desempenho das cadeias de produção e fazer um comparativo entre as mesmas a fim de identificar as vantagens e as desvantagens de cada estrutura.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

No Brasil, os novos meios de produção agrícola sustentável foram alvos de interesse dos setores de agricultura alternativa, movimentos de agricultura familiar e também grupos ambientalistas (KHATOUNIAN, 2001).

Segundo Sylvia Wachsner, coordenadora do Centro de Inteligência em Orgânicos da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), a produção agrícola alternativa ainda é uma iniciativa típica de pequenos agricultores e extrativistas familiares, o qual se encontra em processo de formação. Assim, a coordenadora destaca que o setor ainda precisa de avanços para de fato alcançar uma produção em maior escala, além de outros obstáculos que precisam ser superados (ORGANICS NET, 2016).

Amparado a esta realidade e ao conceito sobre a agroecologia, considera-se este sistema alternativo como fase de transição e adaptação gradativa da agricultura convencional para um modelo de base ecológica, proporcionando o conhecimento e a aplicação da metodologia necessária para desenvolver uma agricultura consistente, com alta produtividade e de viabilidade econômica baixa (CAPORAL e COSTABEBER, 2004; GLIESSMAN, 2001).

Aliada a esta conversão entre métodos agrícolas, Khatounian (1999) menciona a existência de questões técnicas, educativas e normativas para a concretização dessa transição. Neste contexto, inclui-se os aspectos biológicos, reequilíbrio das populações de pragas e doenças, das condições de solo (questão técnica), aprendizado por parte dos agricultores, sobre conceitos e técnicas de manejo para a viabilização da agricultura orgânica (questão educativa), e o enquadramento nas normas de produção e processo de certificação de produtos (questão normativa).

Identifica-se, assim, dificuldades ao longo desta transformação, pois qualquer que seja a mudança nos hábitos de produção, existirão outras adaptações sociais e econômicas dos agricultores para a adoção de um novo modelo de agricultura (SCHMITT, 2013). De acordo com Assis *et al.*, (2002), para a realização deste processo de conversão é necessário monitoramento e reflexão constante, pois, para cada tipo de problema que venha ocorrer, existe um conjunto de procedimentos inter-relacionados, não existindo receita certa, e deixando assim técnicos e agricultores inseguros.

No Brasil, esta incerteza é gerada também pela estrutura precária de comercialização, a partir do período inicial de conversão. As dificuldades se fazem presentes através da perda inicial de produtividade decorrente ao tempo para recondicionamento do ambiente de

produção, não estimulando assim a adoção dessa prática por agricultores, mesmo considerando o nível de preços que os consumidores estão dispostos a pagar pelos produtos agroecológicos ou orgânicos (ASSIS *et al.*, 2002).

Condicional a esta transição, Bellon *et al.*, (2011) faz menção ao Brasil como exemplo da complexa relação existente entre a agroecologia e agricultura orgânica e a diversidade de visões que as envolvem, apresentando assim as premissas básicas que diferenciam esses sistemas alternativos de produção agrícola (Quadro 01).

ELEMENTOS	AGRICULTURA ORGÂNICA	AGRICULTURA AGROECOLÓGICA
<b>Paradigmas</b>	Princípios da INFOAM - Paradigma ciências do solo	Conceitos científicos, da entomologia e da ecologia.
<b>Definição</b>	Sistema geral de gestão agrícola e de produção de alimentos que combina as melhores práticas ambientais e um elevado nível de biodiversidade.	Estudo interdisciplinar e redesenho de sistema agrícolas e agro alimentares.
<b>Princípios</b>	INFOAM (2005); Equidade; Saúde; Ecologia; Justiça	Gliessman (1999) I - Baixa dependência de insumos; II - Uso de recursos naturais renováveis; III - Mínimo de impacto adverso ao meio ambiente; IV - Manutenção da capacidade produtiva; Diversidade biológica e cultural; Conhecimento da população local; V - Satisfação das necessidades humanas.
<b>Conceitos de Referências</b>	Sistemas de produção; cadeia de valores.	Agroecossistemas familiares e a relação com consumidores.
<b>Atores-chave</b>	Produtores, consumidores, processos e certificadores	Diversidade de produtores familiares e a relação com consumidores.
<b>Modelos de Referências</b>	Sistemas integrados de policultivo e gado; Horticultura periurbana; Biodinâmica, Orgânica, Ecológica.	Sistemas tradicionais multiestratificados. Iniciativas de sistematização de experiências contemporâneas.
<b>Perspectiva de mudança</b>	Focaliza a conversão dos produtores e suas redes profissionais de proximidade.	Focaliza sobre os níveis de transição (ERS) e sua inserção em sistemas agroalimentares.
<b>Tecnologias</b>	Uso de substâncias naturais e o não uso de transgênicos. Aceita-se o uso de adubos químicos durante o período de conversão.	Valorização dos ciclos de nutrientes, práticas de proteção vegetal e possibilidades de uso de adubos químicos durante o período de conversão.
<b>Biodiversidade</b>	Impacto orientado (efeitos das práticas sobre biodiversidade)	Recursos orientados (valorização da biodiversidade como fator da produção).
<b>Alimentação</b>	Qualidade dos produtos, saúde dos consumidores.	Sistemas agroalimentares e soberania alimentar.
<b>Normas de Produção</b>	Regras de produção aceitas internacionalmente e nacionalmente.	Sem padrão internacional, regras aceitas localmente.
<b>Certificação</b>	Predomínio da Certificação por terceira parte (auditoria) atestada com selos.	Sistemas de garantia participativos, vendas diretas com controle social,

**Quadro 1:** Análise comparativa dos atributos centrais em Agricultura Orgânica e Agroecologia.  
**Fonte:** BELLON *et al.* (2011).

Entretanto, foi através da prática da agroecologia e produção orgânica que agricultores familiares se fortaleceram no estado de Mato Grosso do Sul, promovendo a melhoria das condições de vida de forma econômica e ecológica, e possibilitando ainda, a produção de

alimentos saudáveis para o auto abastecimento e para a complementação da renda familiar no estado (MOTTA *et al.*, 2008).

Segundo Hinterholz e Ribeiro (2011), este incentivo se dá por meio da realização das feiras agroecológicas, sendo estas, parte das ações de economia solidária, com finalidade de oferecer produtos saudáveis e promover a transformação social através do comércio justo e consciente. Estas feiras aproxima consumidores e produtores, sem intermediários ou exploração comercial, com prática de preços correspondentes a produção dos agricultores familiares, e facilita a troca de informações sobre o que o mercado deseja (TEIXEIRA, *et al.*, 2009).

Relacionado a esse conceito, Assis *et al.* (2002) questiona se o aspecto determinante da conversão para a agricultura orgânica é dado pelo mercado ou pela necessidade de se produzir alimentos com matrizes tecnológicas e diferentes da agricultura convencional.

Segundo este autor, se o mercado for o determinante, estamos condicionados a mudanças através de um estímulo, o qual pode mudar ou acabar, da mesma forma ocorre com o comportamento do produtor. Já se o aspecto determinante for a base tecnológica no processo de conversão, temos um processo educativo, ou seja, uma mudança condicionada por uma reflexão, ocorrendo uma decisão mais profunda e duradoura por parte do produtor.

Desse modo, considerando como fator principal as diferenças existentes entre a agroecologia e a agricultura orgânica, e todos os demais aspectos relacionados a estas formas de produção agrícola alternativa, surge a necessidade de identificação e mensuração dos entraves da cadeia produtiva destes produtos, além da identificação de todos os elos necessários e condições determinantes para compor estas cadeias, partindo do preceito de que ambas têm como base a produção de alimentos com práticas sustentáveis.

Considera-se de fator relevante que os dados apurados por esta pesquisa são de interesse comum a todos os participantes desta estrutura, apresentando então, um comparativo de informações entre os sistemas produtivos, tendo como principal interesse, os produtores do município de Dourados-MS. Estes podendo se beneficiar dos dados apurados, a fim de visualizar de forma mais clara, a real estrutura do sistema produtivo de orgânicos e agroecológicos na cidade, e assim, tomar iniciativas a fim de obterem benefícios próprios.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

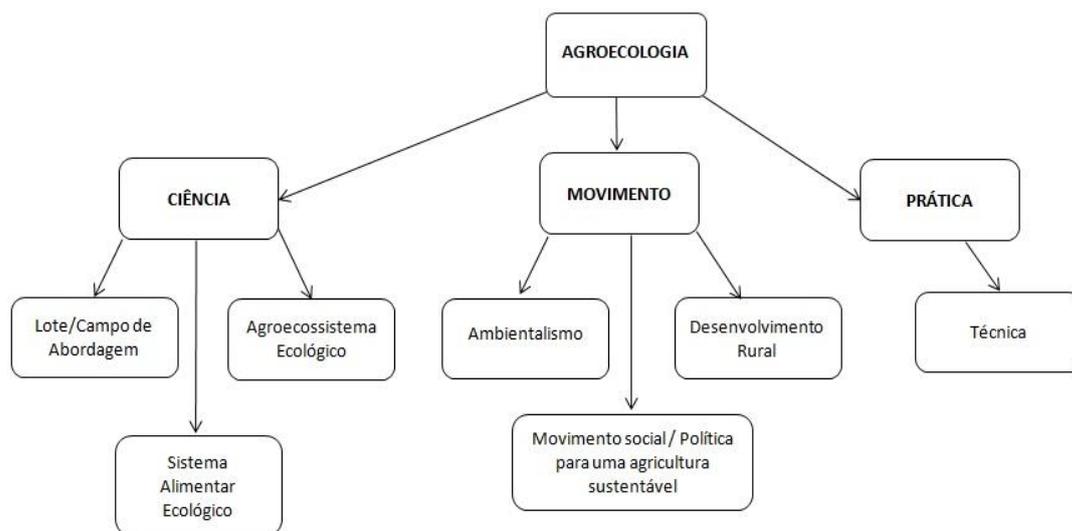
### 2.1 AGROECOLOGIA

#### 2.1.1 Conceito

A expressão “agroecológica” ou “agroecologia” surge no início do século XX, quando o engenheiro agrônomo russo Bensin, sugeriu o termo para explicitar a utilização de métodos ecológicos em pesquisas sobre plantas de cultivo comercial. Apesar do uso do termo ter se consolidado a partir da década de 70, a ciência e a prática agroecológica são tão antigas quanto a origem da própria agricultura (WEZEL, *et al.*, 2009; HECHT, 1999).

Com o decorrer dos anos o âmbito e a definição da agroecologia evoluíram significativamente, decorrência dos avanços das áreas a qual é derivada (agronomia e ecologia) e demais disciplinas e questões agrícolas e ambientais que permeiam seu conceito. Assim, a agroecologia pode ser entendida e definida também, como a aplicação da ecologia na agricultura (WEZEL, *et al.*, 2009).

Além desta, outras interpretações e definições da agroecologia são mundialmente utilizadas em virtude das diferenças no desenvolvimento histórico em diferentes países e regiões, podendo deste modo, a agroecologia ter uma abordagem como prática agrícola, como política ou movimento social e também como disciplina científica (Figura 1), esclarecendo dessa forma as diversas faces que o termo pode englobar e ser utilizado (WEZEL, *et al.*, 2009; WEZEL E JAUNEAU, 2011).



**Figura 1:** Diversidade de significados atuais de agroecologia

**Fonte:** Adaptado de WEZEL e JAUNEAU (2011)

No Brasil, a agroecologia se fundamentou por meio da luta dos movimentos sociais no campo, na organização do movimento ambientalista e a partir da década de 1970 com a realização dos Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAA), na articulação da Rede de Projetos em Tecnologias Alternativas (Rede PTA) e surgimento de iniciativas de experimentação e organização de bases voltadas à disseminação de práticas agrícolas alternativas, não fazendo-se ainda algum tipo de referência a qualquer base científica (SILVA, SAUER e BALESTRO, 2009).

Já no ano de 2002, a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) surgiu como forma de conceder espaço aos movimentos, redes e organizações, reunindo os grupos envolvidos a fim de promover a agroecologia e o desenvolvimento sustentável nas diversas regiões do Brasil. Logo, um novo paradigma de desenvolvimento rural sustentável se firmou dadas as influências por meio da política pública de assistência técnica e extensão rural brasileira e influência de distintos autores sociais baseados em estudiosos como Altieri (1989), o qual otimiza os agroecossistemas como um todo e não somente como um sistema de produção único. Assim, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), reconheceu a agroecologia além de um simples movimento social, mas também como perspectiva científica (WEZEL, *et al.*, 2009).

Segundo Caporal e Costabeber (2002), a agroecologia é afirmada como um campo de conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias que nos permite estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas.

Neste sentido, os agricultores são incentivados a participar da concepção de novos sistemas, e também, a contribuir para diversos movimentos sociais e ou políticos. Existindo dessa forma, uma ligação entre visão política (o movimento), aplicação tecnológica (a prática) para alcançar as metas, e uma maneira de produzir o conhecimento (a ciência) (WEZEL, *et al.*, 2009).

### **2.1.2 Agroecologia como Ciência**

Segundo Caporal e Costabeber (2004), a agroecologia é conceituada como ciência a qual estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável, ou seja, apoia a transição dos atuais modelos de agricultura convencional, para agricultura sustentável.

Ainda segundo os autores, o uso do termo como outras definições que não sendo esta de enfoque científico, expressam um enorme reducionismo do significado mais amplo do termo agroecologia, alterando seu potencial de apoio aos processos de desenvolvimento rural sustentável.

Gliessman (2000) fundamenta que o enfoque agroecológico pode ser definido como a “aplicação dos princípios e conceitos da ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis”, integrando assim o conhecimento local com o conhecimento científico, que dará lugar a formulação de novos saberes socioambientais, que irão alimentar o processo de transição agroecológica.

Assim, segundo Altieri (1989), a agroecologia constitui um enfoque teórico e metodológico, que proporciona as bases científicas (princípios, conceitos e metodologias) para apoiar o processo de transição do atual modelo de agricultura convencional para estilos de agriculturas sustentáveis.

### **2.1.3 Agroecologia como Movimento**

A visão da agroecologia como movimento ocorreu por volta dos anos de 1990, quando o termo começou a ser utilizado para definir a nova forma de se considerar a agricultura e as suas relações com a sociedade (WEZEL *et al.*, 2009).

Wezel *et al.*, (2009), explanam o conceito como podendo ser um grupo de agricultores trabalhando para a segurança alimentar, ou mesmo, um movimento ou grupo de agricultores que estendem a agricultura alternativa por meio de elos sociais para melhor entender e trabalhar os desafios ecológicos e ambientais no âmbito dos sistemas de produção agrícola especializada.

### **2.1.4 Agroecologia como Prática Agrícola**

Uma das origens da agroecologia como prática, ocorreu em 1970 na América Latina (HERNÁNDEZ XOLOCOTZI, 1977). Por volta da década de 1990, o uso da palavra “agroecologia” surgiu para reconhecer o conjunto de práticas agrícolas que visavam o desenvolvimento de uma agricultura mais “sustentável” e “amiga do ambiente” (WEZEL *et al.*, 2009).

Alguma das práticas citadas por Wezel *et al.*, (2009), foram as práticas como a conservação de recursos naturais, gestão adaptada a fertilidade do solo e conservação da

agrobiodiversidade, sendo estas, as bases práticas para os diferentes movimentos agroecológicos.

Arrignon (1987), complementa o conceito de agroecologia como prática, por meio das ilustrações de seus métodos técnicos e mais adaptados na agricultura, sendo estes como medidas de gestão de água ou anti-erosão, como base para o desenvolvimento rural e sustentável em zonas áridas e sub-úmidas.

## 2.2 PRODUÇÃO ORGÂNICA

### 2.2.1 Conceito

A história da agricultura orgânica se deu no início da década de 1920 com os trabalhos do pesquisador Albert Howard, quando observou as práticas agrícolas de compostagem e adubação orgânica utilizada por camponeses (ORMOND *et al.* 2002).

Já em meados dos anos de 1970, o comércio na Europa deu vulto aos primeiros produtos orgânicos, e então, na década de 80 e início dos anos 1990, o movimento se solidificou por meio do primeiro documento normativo do setor no âmbito internacional, através do programa instituído pelo *Council Regulation* da Comunidade Econômica Européia no documento 2092/91 de 24 de junho de 1991, o qual estabelecia as normas e os padrões de produção, processamento, comercialização e importação de produtos orgânicos (ORMOND *et al.* 2002).

No Brasil, a agricultura orgânica teve início na década de 1970 quando se disseminou no país o processo de “modernização da agricultura”, onde se pretendia aumentar a produção por meio da substituição das práticas agrícolas tradicionais por um grupo de técnicas agrícolas, as quais utilizavam sementes geneticamente melhoradas, fertilizantes químicos, agrotóxicos, irrigação e motomecanização (NETO *et al.* 2010).

De 1973 até meados de 1995, a evolução do sistema orgânico de produção foi lenta em todo o país, transitando por inúmeras etapas ligadas a contextos socioeconômicos e movimentos filosóficos de ideologias contrárias à agricultura convencional (DAROLT, 2000).

A busca constante pelo retorno do contato com a terra como forma alternativa, em contraposição as práticas da sociedade moderna, foi o que caracterizou a versão ecológica dos movimentos. Atrelado a esse fator, pode-se mencionar ainda, a ampliação da clientela de produtos orgânicos com base na preocupação com o impacto da atividade produtiva no meio ambiente e a busca por alimentação saudável (REZENDE, 2006; ORMOND *et al.* 2002).

Segundo Kny *et al.* (2005), os produtos orgânicos ganham cada vez mais espaço no mercado de alimentos, por atribuírem características saudáveis, livre de produtos agrotóxicos e fertilizantes químicos em seu cultivo, que podem acabar colocando em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente (LOMBARDI, MOORI E SATO, 2004).

Além das definições apresentadas por autores, o conceito legal dos alimentos orgânicos no país também está expressa na Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, que em seu artigo 1º faz uma consideração sobre o sistema orgânico de produção agropecuária como:

Todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente (BRASIL, 2003, p.1).

Diz ainda que, todo produto obtido em sistema orgânico de produção, seja *in natura* ou processado, é considerado orgânico. Assim, destaca-se algumas das características e finalidades do sistema de produção orgânica como: a oferta de produtos saudáveis isentos de contaminantes intencionais; a preservação da diversidade biológica dos ecossistemas naturais e a recomposição ou incremento da diversidade biológica dos ecossistemas modificados em que se insere o sistema de produção; o uso saudável do solo, da água e do ar, e redução ao mínimo de todas as formas de contaminação desses elementos que possam resultar das práticas agrícolas; a reciclagem de resíduos de origem orgânica, reduzindo-se ao mínimo o emprego de recursos não-renováveis; incentivo a integração entre os diferentes segmentos da cadeia produtiva e de consumo de produtos orgânicos e a regionalização da produção e comércio desses produtos (BRASIL, 2003, p.1).

### **2.2.2 Prática Orgânica**

Segundo Ormond *et al.* (2002), a agricultura orgânica pode ser vista como uma retomada do uso de antigas práticas agrícolas, utilizando-se de modernas tecnologias de produção, com a intenção de melhorar a produtividade e minimizar a interferência nos ecossistemas.

Para Gliessmann (2009), o sistema de produção orgânica se baseia em normas de produção específicas, tendo como finalidade, a definição de estruturas sustentáveis do ponto de vista social, ecológico, e econômico.

Entretanto, Assis e Romeiro (2002) conceituam que a agricultura orgânica quando apresentada como uma prática agrícola, estando esta direcionada para o mercado de forma abrangente, agricultor e consumidor deixam de ter um contato próximo, estabelecendo-se uma ruptura entre o produto em si e a sua forma de produção. Assim, demanda-se uma normatização para exigir uma definição mais específica de “agricultura orgânica”, utilizada para proteger tanto o agricultor quanto o consumidor (FONSECA, 2000).

Os padrões orgânicos estipulados visam à proibição do uso de alguns insumos e estabelecem uma vasta gama de práticas a serem seguidas, tendo-se à necessidade de implementação de normas claras para a produção e beneficiamento dos produtos, e consequentemente, a quebra do distanciamento entre produtor e consumidor (FONSECA, 2000).

Severo e Pedrozo (2008), afirmam que os produtores devem respeitar as normas de produção orgânica durante todas as fases de plantio, desde a preparação do solo até a embalagem do alimento. Seguindo-se assim, um conjunto de procedimentos que devem ser seguidos, buscando-se uma espécie de ética orgânica, baseada em princípios como, entender a terra como fonte de vida, a busca pela priorização da alimentação do solo, mais do que a planta, utilização de sistemas diversificados de produção, a busca pela independência do agricultor, a valorização da saúde e o respeito à natureza (DAROLT, 2002).

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2016), as práticas mais comuns no processo de plantio dos produtos orgânicos devem-se a utilização do rodízio de culturas e diversificação de espécies entre e dentro dos canteiros, cordões de contorno com plantas diversificadas, ajudando a proteger a plantação de pragas e doenças, servindo também como quebra-vento e proteção do solo contra a erosão. Pratica-se o plantio direto, sendo este realizado pelo cultivo em cima do resíduo da cultura anterior, e também a adubação verde, a qual contribui para o enriquecimento do solo, fornecendo equilíbrio necessário para a geração de alimentos saudáveis.

### **2.2.3 Certificação**

Segundo Souza (2000), os produtos orgânicos podem ser classificados como bens de crença, pois apresentam qualidades singulares as quais não são identificáveis diante simples

observação. Ou seja, as características dos produtos orgânicos em geral não são tangíveis comparando-se a outros produtos, assim, as possibilidades de sua segmentação e diferenciação demandam certificação, e em determinados casos, consumidores exigem até mesmo a rastreabilidade do processo produtivo (GRAZIANO, CAMPANÁRIO, FILHO, 2011).

Partindo-se deste conceito, a certificação de produtos orgânicos tem como finalidade conquistar maior credibilidade dos consumidores e proporcionar maior transparência às práticas e princípios utilizados na produção orgânica (CAPANHOLA e VALARINI, 2001).

Contraopondo-se a isso, Silva e Câmara (2005) e Sirieix *et al.* (2007), conceituam que o selo de certificação ainda não tem grande influência como atributo de valor do consumidor no ato da compra, devido a existência de inúmeros selos de certificação, tornando o entendimento de cada um destes, algo de difícil entendimento por parte do consumidor.

A certificação orgânica é um processo de auditoria a qual abrange a origem e todo o processo do produto, partindo-se desde a sua fonte de produção até o ponto final de comercialização com o consumidor. Atestam-se também, as condições de trabalho e a remuneração dos trabalhadores que estão ligados diretamente ao manejo e cultivo dos produtos (CEPLAC, 2016; DENOBILE, 2005).

Qualquer que seja o produto orgânico, para este receber sua certificação deve-se atender e obedecer ao conjunto de normas legais previstas pela Lei Federal 10.831, além da Instrução Normativa de 2009, a qual instaura novas restrições sobre a produção orgânica animal e vegetal no país, delimitando que os produtos comercializados como orgânicos devem conter o selo do Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica (SBCO) (BRASIL, 2009).

De acordo com o Ministério da Agricultura, a certificação é realizada por meio de três mecanismos capacitados, sendo estes:

- Certificação por Auditoria: realizada através de uma certificadora pública ou privada credenciada no Ministério da Agricultura, para então concessão do selo SisOrg o qual obedece aos procedimentos e critérios reconhecidos internacionalmente, além de requisitos técnicos estabelecidos pela legislação brasileira;
- Sistema Participativo de Garantia (SPG): é responsável pelos membros do sistema, podendo estes serem, produtores, consumidores, técnicos e demais interessados. Para estar legalizado, um SPG tem que possuir um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC) legalmente constituído, que responderá pela emissão do SisOrg;

- Controle Social na Venda Direta: é realizada por meio de organizações de controle especial cadastrados em órgãos fiscalizadores oficiais, responsáveis por realizarem o credenciamento de agricultores e assim participação no Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (MAPA, 2016).

## 2.3 CADEIA DE PRODUÇÃO

### 2.3.1 Conceito

A noção de Cadeia Produtiva surgiu em meados dos anos 50 com base nos estudos de *Commodity System Approach* (CSA), por meio de trabalhos desenvolvidos por Davis e Goldberg nos Estados Unidos. Seguindo-se nos anos 60 com a noção de *filière*, desenvolvida na escola industrial francesa (ZYLBERSZTAJN, 1995).

Segundo Zylbersztajn (1995), a primeira ideia de CSA, associa a agricultura com todos os elos participantes na produção, transformação e comercialização de produtos agrícolas, estabelecendo-se uma sequência que vai desde os insumos até o consumidor final. Enquanto a *filière*, faz-se referência à sequência de atividades que resultam em um produto final, o qual será distribuído aos consumidores, destacando-se a hierarquização e o poder de mercado.

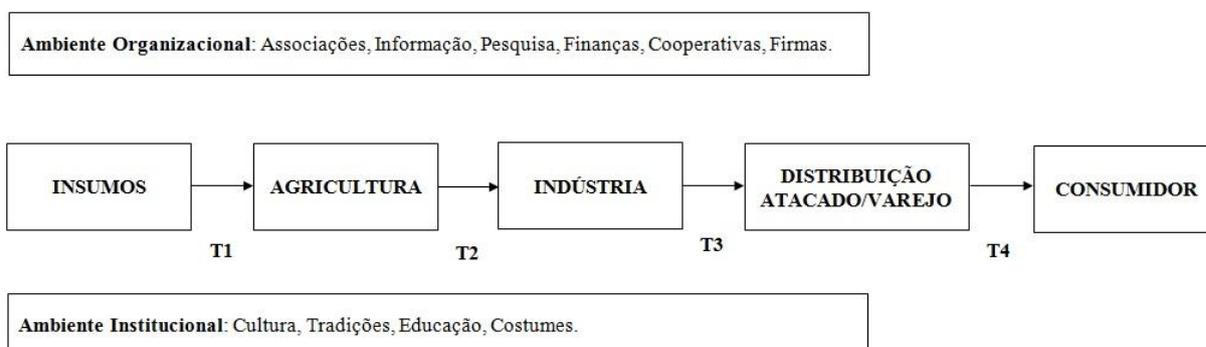
No Brasil, a noção de *Commodity System Approach* e *filière*, são resumidas à “cadeia produtiva” (BONILLA, 2012). Logo Hansen (2004) agrega informações e conceitua-a como:

Uma sucessão de operações de transformações dissociáveis, capazes de ser separadas e ligadas por um encadeamento técnico, um conjunto de relações comerciais e financeiras que estabelecem, entre todos os estados de transformação, um fluxo de troca. Situado de montante a jusante, entre fornecedores e clientes, um conjunto de ações econômicas que presidem a valoração dos meios de produção e asseguram a articulação das operações (HANSEN, 2004, p.28).

Logo, Castro (2000) simplifica o conceito como “[...] um conjunto de componentes interativos, incluindo os sistemas produtivos, fornecedores de insumos e serviços, indústrias de processamento e transformação, agentes de distribuição e comercialização, além de consumidores finais”.

Conforme apresentado por Zylbersztajn (2000), com base em seu conceito de sistema agroindustrial, as cadeias produtivas contêm elementos essenciais para sua análise descritiva, sendo estes: os agentes, as relações entre eles, os setores, as organizações de apoio e o

ambiente institucional. Especificando-se que o ambiente institucional é representado por cultura, tradições, educação e costumes, e o ambiente organizacional é constituído por associações, informação, pesquisas, finanças, cooperativas e firmas (Figura 2).



**Figura 2:** Sistema Agroindustrial – Cadeia Produtiva

**Fonte:** Adaptado de Zylbersztajn (2000)

A cadeia de produção pode ser dividida em três macrosegmentos, sendo estes: produção de matérias-primas, industrialização e comercialização. Onde, o componente produtor, é encarregado do fornecimento de matéria-prima que será transformada ao longo da cadeia. Logo, o componente de industrialização abrange as firmas que irão transformar as matérias-primas em produtos finais para o consumidor. E por fim, o componente de comercialização, é responsável pelo contato direto com as empresas que interagem com o consumidor final (BATALHA e SILVA, 2001).

Além destes macrosegmentos, Zylbersztajn (1995) complementa em seu conceito, a existência de quatro tipos de transações as quais podem ser identificadas nas cadeias produtivas. A primeira transação acontece entre o fornecedor de insumos e o agricultor (T1); a segunda transação entre agricultura e indústria (T2); a terceira entre indústria os agentes de distribuição (T3); e por fim, a quarta transação que ocorre entre a distribuição e o consumidor final (T4).

Assim, com tantas influências sobre as cadeias produtivas, ressalta-se que é de suma importância conhecer a cadeia a fim de se visualizar concorrência, sinergias e entidades e ou empresas com objetivos complementares. Lembrando que o consumidor final é quem norteia a corrente produtiva a identificar as características e os padrões de preferências dos clientes, induzindo a uma maior competitividade e dinâmica da cadeia com o tempo (BALZON; DA SILVA; DOS SANTOS, 2004; BRUM e MÜLLER, 2008).

Partindo deste princípio de influência do consumidor sobre a cadeia produtiva, se observa na cadeia de base agroalimentar um maior contato do produtor com o cliente,

identificando o sistema como uma cadeia de produção curta, sendo esta uma base importante para maior entendimento e aprofundamento na pesquisa, logo, que as cadeias produtivas a serem analisadas são de base de produção agrícola. Assim, se explana melhor o conceito a seguir.

### 2.3.2 Cadeia Agroalimentar Curta

Segundo Scarabelot e Schneider (2012), as cadeias agroalimentares curtas se originam da agricultura familiar, partindo do princípio da produção e comercialização de alimentos com qualidade diferenciada, estando esta associada a processos produtivos mais sustentáveis e éticos, sendo assim conceituada:

As cadeias agroalimentares curtas remetem a formas de comercialização que expressam proximidade entre produtores e consumidores, não única e necessariamente no aspecto espacial, mas a uma espécie de conexão que permita provocar interatividade, facilitando que ambos conheçam os propósitos um do outro (SCARABELOT e SCHNEIDER, 2012, p 103).

De acordo com Marsden *et al.*, (2000), existem três principais tipos de cadeias curtas (*short food supply chains – SFSC*), sendo estas definidas como: *face-to-face*; proximidade espacial e espacialmente estendida (Quadro 2).

Face a Face	Proximidade Espacial	Espacialmente Estendida
1 - Lojas de produtos vindos da agricultura	1 - Grupos de lojas de produtos vindos da agricultura	1 - Rótulo de certificação
2 - Comercializado pelo agricultor na propriedade	2 - Marca regional	2 - Código de produção
3 - Colheita pelo próprio consumidor	3 - Cooperativas consumidoras	3 - Efeito de reputação
4 - Venda à beira da estrada	4 - Comunidade de apoio à agricultura	
5 - Entrega em domicílio	5 - Rotas Temáticas – turismo rural (articulação com o espaço)	
6 - Entrega pelo correio	6 - Eventos especiais e feiras (articulação no tempo)	
7 - Venda pela internet	7 - Lojas locais, restaurantes e empresas de turismo	
8 - Feiras	8 - Varejistas especializados (ex. comidas especiais, lojas dietéticas)	
	9 - Abastecimento de instituições (cantinas e escolas)	

**Quadro 2:** Tipologia de Cadeias Agroalimentares Curtas  
**Fonte:** Adaptado de RENTING *et al.* (2003)

As cadeias *face-to-face* são próximas do que se conhece por vendas diretas, como as feiras livres, vendas em domicílio, venda nas portas da fazenda, casas coloniais, rotas turísticas. Representando uma grande estratégia por parte dos agricultores. Logo, o segundo tipo, denominado de proximidade espacial, está associado à algum atributo do local, onde o comércio se faz por meio de vendas a varejistas locais, restaurantes, vendas institucionais (merenda escolar), mercados regionais, casas coloniais e eventos nos municípios.

E o terceiro e último tipo de cadeia produtiva curta, é identificado como espacialmente estendida, e tem como característica, os casos que compreendem e envolvem o *fair trade* (comércio justo), indicando processos de certificação e indicação geográfica (FERRARI, 2011; SCARABELOT e SCHNEIDER, 2012).

Marsden *et al.* (2000), reforça que a característica chave da cadeia agroalimentar curta, é identificada pela relação produtor-consumidor, onde se verifica os claros sinais sobre a origem do produto e o papel desta relação na construção de valores e significados. Onde, o produto “alcança o consumidor com informações, o que permite ao consumidor fazer conexões e associações com o local de produção, com os valores das pessoas envolvidas e os métodos de produção empregados” (MARSDEN *et al.* 2000; FERRARI, 2011).

## 2.4 MODELO ESTRUTURA- CONDUTA-DESEMPENHO (E-C-D)

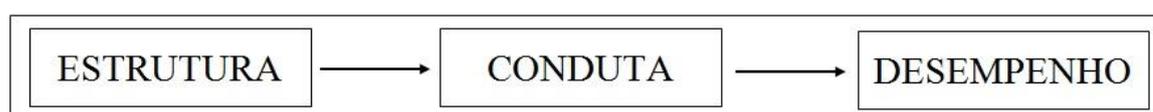
### 2.4.1 Conceito

Com a análise do comportamento das empresas através dos mercados imperfeitos, levou alguns estudiosos a se dedicarem ao tema da organização industrial. Surgiu assim, o modelo Estrutura-Conduta-Desempenho (E-C-D), para fornecer um esquema para análise de mercados, identificando variáveis desta estrutura, as quais explicam o comportamento das firmas e conseqüentemente, o desempenho do setor (PEDROZO; BEGNIS e ESTIVALETE, 2005; CABRAL, 1994; CALEMAN E CUNHA, 2011).

A princípio, este modelo foi inicialmente apresentado por Edward Mason (1939), sendo este, precursor em trabalhos que investigavam a relação de causalidade entre Estrutura-Comportamento-Desempenho, visando relacionar as variáveis da estrutura de mercado, com o comportamento das empresas, e estes com variáveis do desempenho. Logo, Joe Bain (1968), iniciou durante a década de 50, a formalização teórica do modelo, analisando cada um dos elementos que o compõe e em seguida realizando uma análise teórica-empírica do assunto (HOLANDA FILHO,1983; LOPES, 2012).

O modelo Estrutura-Condução-Desempenho é tido como a base para o entendimento da relação e prática nos diversos setores de mercado, explicando a dependência da estrutura de um determinado setor, com base nos seus entraves, e como estes podem afetar sua condução e o seu desempenho. Partindo-se do princípio que o desempenho das empresas depende da condução dos participantes envolvidos que dependem da estrutura do mercado (CARLTON E PERLOFF, 1999).

A princípio, o modelo proposto de análise tinha um caráter linear e unidirecional (Quadro 3) entre os três módulos, de forma que o comportamento previsível das empresas tinha como base a premissa de que a estrutura determinava a condução a ser adotada pelas empresas e o padrão de condução adotado influenciaria o desempenho setorial agregado (FERGUSON e FERGUSON, 1994).

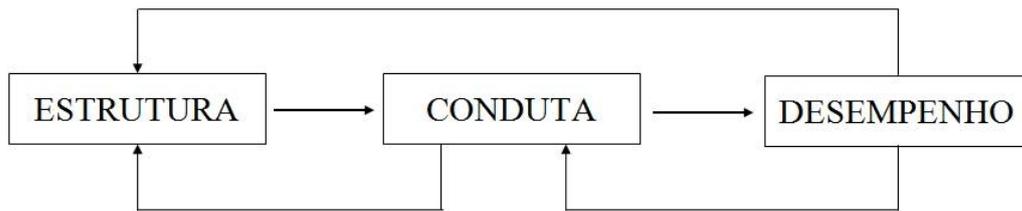


**Quadro 3:** Abordagem tradicional da E-C-D

**Fonte:** Adaptado de FERGUSON e FERGUSON (1994)

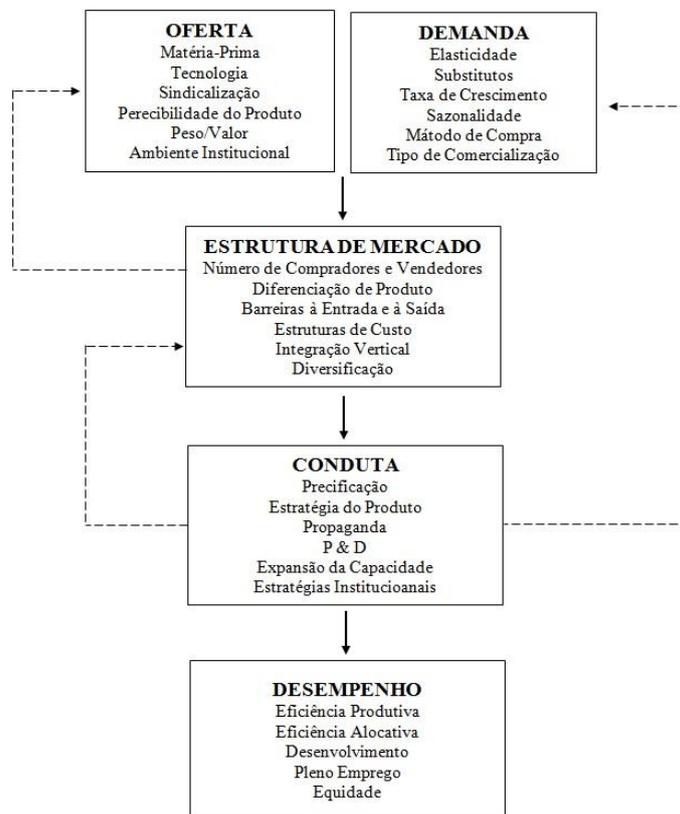
Este modelo proposto apresenta uma relação de causalidade direta e indireta entre as três partes do modelo. Onde a estrutura é exposta como uma variável que afeta a condução, a qual possui relação direta com o desempenho, limitando assim, a condução das características estruturais do mercado, este, afetando indiretamente o desempenho. Observando-se que tal modelo de E-C-D, apresentou um caráter dependente da estrutura (ELY, 2007).

Ainda assim, segundo Ely (2007), o paradigma Estrutura-Condução-Desempenho se apresenta de forma mais complexa, onde as partes que o compõe e as variáveis existentes, interagem-se entre formas diversas e distintas, levando o modelo a assumir uma natureza estocástica, conforme exposto por Ferguson e Ferguson (1994), onde afirmam que a premissa tradicional da estrutura de mercado apesar de ser exogenamente determinada, é acima de tudo insalubre. E o desempenho, e mais particularmente, condução, afetam sim a estrutura. Conforme modelo apresentado (Figura 3).



**Figura 3:** Relação mais complexa entre E-C-D  
**Fonte:** Adaptado de FERGUSON e FERGUSON (1994).

Logo, Scherer e Ross (1990) apresentaram um modelo de E-C-D o qual reuniu as principais teorias da Organização Industrial, incluindo-as dentro do paradigma, juntamente com elementos da oferta e demanda, estando estes inclusos as condições básicas do modelo (Figura 04).



**Figura 4:** Esquema detalhado - Estrutura-Conduta-Desempenho  
**Fonte:** Adaptado de SCHERER E ROSS (1990)

Assim, no modelo apresentado na Figura 4, evidencia que a estrutura é determinada diretamente pelas condições básicas de oferta e demanda e que os elementos de conduta também afetam a estrutura, onde as setas cheias representam os elementos de ligação principal, e as setas pontilhadas, os efeitos secundários, confirmando assim a existência de

importantes efeitos de *feedback* entre as variáveis do modelo (ELY, 2007; SCHERER e ROSS, 1990).

### **2.4.2 Estrutura**

A estrutura de mercado faz-se referência às características de organização que influenciam de forma estratégica a natureza da competição e os preços dentro de determinado mercado. Assim, é definido pelas condições básicas de oferta e demanda, compreendendo as características do produto, dos consumidores, da tecnologia e demais influentes (LOPES, 2012; PINHO; VASCONCELOS, 2011).

No modelo E-C-D a estrutura de mercado é composta de variáveis que a compõe, sendo estas: o número de compradores e vendedores, a diferenciação do produto, as barreiras de entrada e saída, estruturas de custo, a integração vertical e a diversificação da produção (LOPES, 2012; CARLTON E PERLOFF, 1994; SCHERER E ROSS, 1990).

### **2.4.3 Conduta**

Segundo Franco (*et al.* 2015), a conduta é dada pela maneira como a empresa se comporta, o procedimento que a mesma utiliza para atender a demanda e o comportamento que esta tem no mercado. Assim, se analisa cinco fatores para melhor compreendê-la: Precificação, Estratégia do produto e propaganda, Pesquisa e Desenvolvimento, Expansão da Capacidade, Estratégias Institucionais.

Kupfer (1992) ressalta ainda, que anteriormente nas primeiras versões do E-C-D, a conduta era negligenciada, pois os elementos estruturais, principalmente a concentração de mercado, era visto como um dos responsáveis pelo desempenho. Mas como já fora abordado, nos modelos mais atuais do E-C-D, a conduta é de suma importância, pois verifica-se que a mesma além de influenciar no desempenho, pode também, alterar a própria estrutura de mercado.

### **2.4.4 Desempenho**

Desempenho segundo Bain (1968) é tido como um termo que se faz referência aos resultados agregados, os quais as firmas alcançam através dos seus padrões de condutas, e influenciado pela estrutura de mercado, políticas públicas e condições básicas de oferta e

demanda. Trata-se de uma variável *ex-post facto*, ou seja, é avaliada apenas após ter acontecido (SCHERER E ROSS, 1990).

Scherer e Ross (1990), consideram o desempenho como fator multidimensional o qual engloba elementos como: as decisões sobre o quê, quanto e como produzir, precisando estes, serem eficientes; as operações dos produtores que devem tirar vantagem da tecnologia e facilitar o emprego total de recursos e; a distribuição de renda que deve ser equitativa, implicando que a remuneração dos produtores não seja excessiva.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

#### **3.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA**

A abordagem desta pesquisa é de caráter qualitativo onde instrumentos utilizados para a coleta de dados se deram por meio de pesquisa documental (dados primários / secundários / bibliográficos), realizada a partir de questionários, entrevistas, portais *online*, documentos disponibilizados pelos entrevistados e demais documentos necessários a fim de identificar a estrutura das cadeias produtivas dos objetos.

#### **3.2 COLETA DE DADOS**

##### **3.2.1 Método para Coleta de Dados do Fornecedor de Insumos**

Foi elaborado um roteiro de entrevista (APÊNDICE VI) com questões direcionadas e abertas para serem aplicadas com os fornecedores de insumos. Entretanto, após levantamento de dados com os demais elos participantes da cadeia produtiva, não foram identificados nenhum possível entrevistado para coleta de informações necessárias, absorvendo-se apenas informações paralelas disponibilizadas pelos demais integrantes das cadeias.

##### **3.2.2 Método para Coleta de Dados do Produtor Orgânico e Agroecológico**

A escolha dos produtores teve como unidade amostral as Feiras Agroecológicas na cidade de Dourados-MS, onde das 7 (sete) feiras existentes, totalizou a composição da amostra em 4 (quatro) feiras, por ter sido identificado ao longo das conversas com os produtores, que os mesmos estariam presentes nas demais feiras da cidade. Assim, os questionários foram aplicados nas feiras do Parque dos Ipês (Terça-Feira – 17:00 às 22:00), Feira da Praça Cinquentenário (Quarta-Feira – 13:00 às 17:00), Feira do Parque Alvorada (Quinta-Feira – 17:00 às 22:00) e a Feira do Primeiro - Plano (Quarta-Feira – 13:00 às 17:00).

A técnica de amostragem utilizada foi não probabilística por quotas, conveniência e por bola de neve. Justificando-se que os produtores estavam em lugares e horários exatos, estando estes ao alcance do pesquisador e dispostos a responder ao questionário, indicando sempre um novo produtor ainda não questionado. O tamanho da amostra foi baseado na forma aleatória, com fator de inferência tempo (conforme o horário de funcionamento das feiras),

utilizando-se questionário semiestruturado para os produtores orgânicos e outro questionário semiestruturado para os produtores agroecológicos (APÊNDICE I e II), ambos com questões abertas e fechadas, e realização de observações diretas.

### **3.2.3 Método para Coleta de Dados do Órgão Certificador**

Para a coleta de dados com os Órgãos Certificadores, primeiramente foram levantados dados junto ao SEBRAE, para identificação da existência de entidades certificadoras no município de Dourados. Após este levantamento, apenas duas entidades responsáveis e representantes por este processo de certificação no município foram identificadas. O primeiro órgão certificador identificado foi a Associação de Produtores de Mato Grosso do Sul (APOMS) e o segundo foi o próprio SEBRAE. Assim, as entrevistas foram agendadas e realizadas no mês de janeiro e fevereiro.

No ato das entrevistas, utilizou-se de questionários estruturados, (APÊNDICE IV e V) com questões abertas e direcionadas a cadeia produtiva orgânica e/ou agroecológica, os quais foram aplicados com os técnicos dos órgãos certificadores, utilizando-se também o auxílio de um gravador para maior aproveitamento das informações relatadas. Ressalta-se que no ato das entrevistas, os técnicos responderam além das questões estruturadas no questionário, como também relataram outras informações proveitosas para o entendimento da pesquisa.

### **3.2.4 Método para Coleta de Dados do Consumidor**

Os consumidores foram selecionados de forma aleatória durante as visitas nas feiras municipais, as quais já tinham sido pré-estabelecidas para a realização da aplicação do questionário dos produtores. A técnica de amostragem foi definida como não probabilística por quotas e conveniência, realizada de forma aleatória, com fator de inferência tempo (conforme o horário de funcionamento das feiras), aplicando-se questionários semiestruturados (APÊNDICE III) com perguntas abertas e fechadas, e realização de observação direta com os consumidores.

## **3.3 TÉCNICA DE TRATAMENTO DE DADOS**

Por meio da análise, realizou-se classificações ordenada dos dados e posteriormente o confronto dos resultados por meio de tabelas e gráficos.

O tratamento dos dados coletados nesta pesquisa se deu por meio da tabulação e interpretação das informações, através de gráficos e tabelas/quadros desenvolvidos por meio do software Microsoft Excel, representação escrita e análise de conteúdo para a entrevista realizada com os órgãos certificadores.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 ESTRUTURA**

Nesta sessão será apresentada a estrutura das cadeias produtivas com base no conceito principal da E-C-D, o qual define que toda estrutura de mercado se refere à forma como as empresas se organizam e interagem entre si (CARLTON E PERLOFF, 1994). Assim, se baseando nos dados primários e secundários provenientes do levantamento de dados da pesquisa, identificaram-se todos os agentes existentes na cada cadeia produtiva agroecológica e orgânica, dando forma à estrutura citada pelos autores.

#### **4.1.1 Estrutura da Cadeia Produtiva Agroecológica**

A agroecologia segundo Assis e Romeiro (2002), visa o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis adotando como princípios básicos a menor dependência possível de insumos externos e então preservação dos recursos naturais.

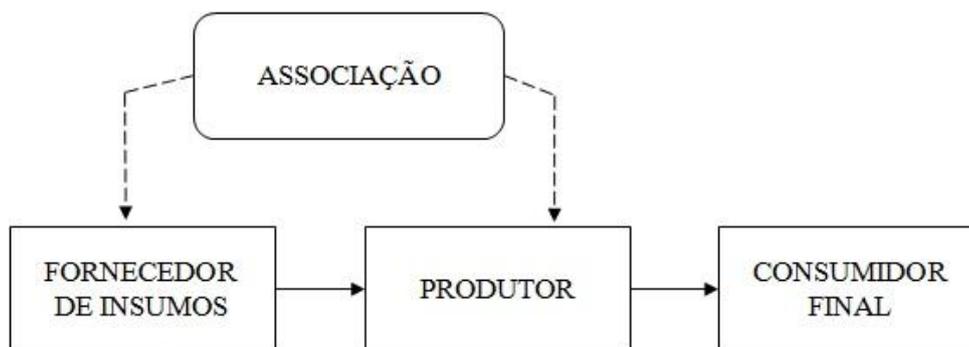
Isto fica claro na identificação da cadeia produtiva agroecológica no segmento de frutas, legumes e verduras (F.L.V.) no município de Dourados, onde através das entrevistas e questionários aplicados, 86,67% dos produtores agroecológicos produzem seus insumos de forma biológica e sustentável, como a realização da compostagem por meio de esterco de animais e restos de vegetais, adubação com borra de café, tabaco macerado e finos de carvão. Enquanto o restante dos produtores, representados por 13,33%, além de produzirem seus próprios defensivos recorrem aos fornecedores para a compra de algum complemento para a produção destes insumos, como por exemplo, o sulfato de cobre para o preparo de caldas bordalesas, (fungicida natural constituído da mistura de cal virgem, sulfato de cobre e água) muito utilizado na agricultura orgânica e agroecológica por não deixar resíduos tóxicos e aplacar os efeitos sobre o homem e o ambiente e também por ter um baixo custo para os agricultores (PEDRINI, 2000; EMBRAPA, 2006).

Ressalta-se que indiferente à dimensão da participação do fornecedor de insumos na cadeia produtiva agroecológica ou orgânica, na cidade de Dourados não existem lojas ou representantes especializados e capacitados para atenderem a demanda específica dos produtores. Conforme relatado pelos entrevistados, pelo fato destes fornecedores serem provindos de outros estados, isto acaba impulsionando indiretamente a produção de insumos pelos produtores em suas propriedades (SHULTZ, 2001).

Observa-se também que o acesso à estes fornecedores de insumos ocorre por meio da intermediação realizada pela Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (APOMS), em razão das compras não serem liberadas em pequenas quantidades para atender os poucos agricultores, dificultando assim o acesso à estes defensivos e que por sua vez eleva o custo para as compras.

Além de todo o suporte prestado pela associação na mediação entre produtores e fornecedores, os associados recebem apoio nas vendas e acompanhamento técnico em suas produções, sejam elas agroecológica ou orgânica.

Desta forma a cadeia produtiva agroecológica no segmento de F.L.V. estrutura-se com a presença do elo dos fornecedores, produtores e consumidores, com a existência paralela da associação realizando suporte técnico (Figura 05).



**Figura 5:** Estrutura da Cadeia Produtiva Agroecológica em Dourados/MS

**Fonte:** Elaborado pelo Autor

É importante ressaltar que a produção agroecológica é uma transição e adaptação gradativa do modo de produção agrícola convencional para o modelo de base totalmente ecológica (CAPORAL; COSTABEBER, 2004), justificando-se assim, que o elo fornecedor e a relação existente entre o elo produtor e o elo do consumidor final, são as mesmas para a cadeia agroecológica e para a cadeia orgânica.

A seguir será detalhado e especificado as demais relações idênticas entre ambas as cadeias e as particularidades da estrutura da cadeia orgânica no município de Dourados.

#### 4.1.2 Estrutura da Cadeia Produtiva Orgânica

A cadeia produtiva dos produtos orgânicos segundo Ormond *et al.* (2002), se diferencia das demais cadeias agroalimentares pela presença do elo responsável pela

certificação e também pela ausência do elo do atacadista/distribuidor ou qualquer que seja o intermediário entre a produção e o agente seguinte. Entretanto, conforme entrevista realizada com o agricultor, isto também ocorre na cadeia produtiva agroecológica, onde o papel do atacadista/distribuidor é substituído, pelo que o autor denomina de processamento primário, e a seleção, higienização, padronização, envase, transporte e comercialização dos produtos, são de responsabilidade dos produtores.

Com base em uma das definições de agricultura orgânica, a qual apresenta como principais pressupostos a não-utilização de insumos químicos tóxicos, diversificação de cultivos, práticas alternativas, preservação do meio ambiente e comercialização direta dos produtos aos consumidores finais, Shultz (2001) faz inferências sobre estas características da cadeia produtiva orgânica:

1. Não utilizam insumos externos à propriedade, ou, no máximo, pouca quantidade de insumos orgânicos, oriundos de sistemas orgânicos ou convencionais;
2. As propriedades ecológicas funcionam como um organismo sistêmico, possuindo interações bastante diferenciadas da agricultura convencional. As complexas relações em um sistema agrícola alternativo são oriundas de práticas de diversificação de cultivos (policultivos), sendo estas um dos princípios básicos da agricultura ecológica;
3. Utilizam-se de práticas agrícolas de incremento e manutenção da fertilidade e atividade biológica do solo, bem como para a preservação da qualidade das águas e dos ecossistemas em que a produção está inserida;
4. Organização e comercialização conjunta de produtos orgânicos, diretamente em feiras livres e outros formatos varejistas, com o objetivo de proporcionar a integração entre produtores e consumidores finais, preferencialmente em mercados regionais (SHULTZ, 2001, p. 74).

Nota-se que uma das características mencionadas pelo autor, é o fato dos insumos serem produzidos de forma interna na propriedade juntamente com as demais atividades produtivas. Não existindo o agente fornecedor de insumos, o qual é localizado antes do elo de produção, algo muito comum na cadeia produtiva convencional.

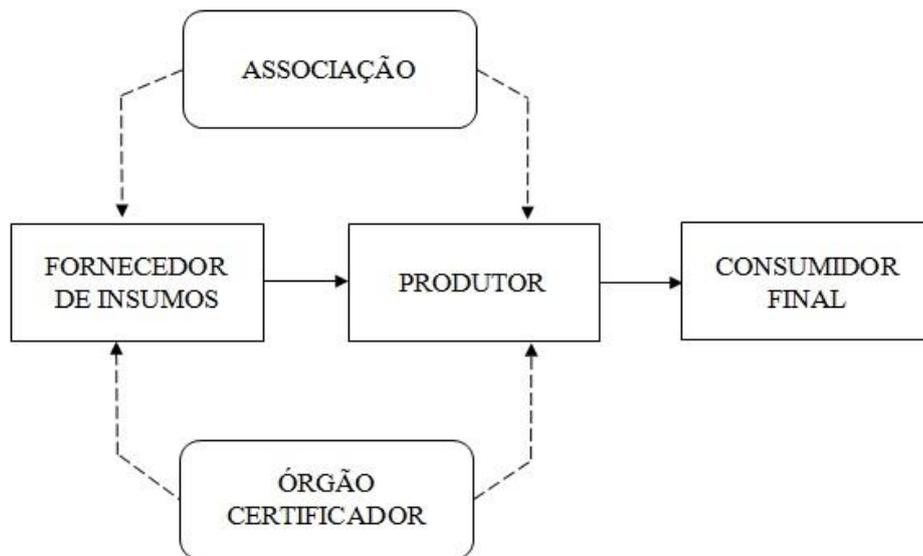
Em contrapartida Ormond *et al.* (2002), mencionam que apesar de a maior parte dos agentes responsáveis pela produção de insumos serem os próprios produtores, com o crescimento do setor, houve o interesse de pequenas e grandes empresas dedicadas exclusivamente a este nicho de mercado, lançando produtos apropriados para a utilização em áreas sob manejo orgânico/agroecológico. Tem-se como exemplo que, ao contrário da cadeia agroecológica, na cadeia produtiva orgânica foram identificados que apenas 60% dos produtores entrevistados produzem insumos em sua propriedade, enquanto os outros 40% produzem e realizam compras de complementos com fornecedores através das mediações realizadas pela associação.

Outro ponto que Shultz (2001) destaca como característica da cadeia produtiva orgânica é sobre o estímulo de venda dos produtos em outros formatos varejistas, como os mercados regionais, sendo este um meio de integração entre produtores locais e consumidores. Porém, conforme relatado em entrevista pelo técnico da APOMS, em Dourados identifica-se uma grande dificuldade de inserção dos produtos orgânicos produzidos no município para vendas em mercados e supermercados locais, devido à baixa produção e variedade dos produtos e a alta concorrência com fornecedores de maior escala vindos de outros estados, dificultando o espaço para a apresentação e comercialização e induzindo, assim, a venda direta pelos produtores locais nas feiras agroecológicas.

Desta forma, conforme mencionado pelos agricultores, as atividades de preparação dos produtos são realizadas de próprio punho, além do transporte ser realizado por algum tipo de veículo familiar (moto ou carro) e a realização das vendas serem feitas diretamente nas feiras ou por entregas em domicílio, não existindo então, a presença do elo distribuidor ou atacadista, o que anteriormente o autor Ormond *et al.* (2002) denominou como processamento primário.

Nas entrevistas realizadas, constatou-se que no município o processo de certificação de produtos como orgânicos é realizado por apenas duas entidades reguladoras. A primeira entidade identificada foi o SEBRAE, que realiza as certificações por meio de auditorias coletivas, custeando 80% do valor total cobrado pelas certificadoras credenciadas. E a segunda entidade identificada foi a APOMS, que além de realizar serviços de apoio técnico aos associados, também possui um OPAC (Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade) legalmente constituído por técnicos e agricultores, que realizam a certificação via SPG (Sistema Participativo de Garantia), como já determinado em especificações pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2016).

Assim, a cadeia produtiva orgânica no segmento de F.L.V. em Dourados é estruturada de forma enxuta e não muito complexa destacando-se o elo dos fornecedores, produtores, órgãos certificadores e consumidores, e em paralelo, a presença da associação realizando suporte técnico (Figura 6).



**Figura 6:** Estrutura da Cadeia Produtiva de Orgânicos em Dourados/MS  
**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Conforme mencionado por Fonseca (2000), para intenções de mercado, é imposto uma restrita definição da agricultura orgânica, a fim de se proteger o consumidor e o agricultor, existindo padrões orgânicos os quais proíbem o uso de alguns insumos e ditam práticas a serem seguidas.

Isto ficou nítido nas observações indiretas realizadas nas entrevistas, onde observou-se que a estrutura da cadeia produtiva orgânica e agroecológica são idênticas, fazendo-se exceção ao elo dos órgãos certificadores, os quais monitoram constantemente os produtores agroecológicos para cumprirem estes padrões mencionados pelo autor, e então os produtos atingirem as características ecológicas necessárias para posteriormente receberem a certificação e nomenclatura de produtos orgânicos.

#### 4.2 CONDUTA

A conduta diz respeito sobre a política individual de cada empresa/agente integrante de uma estrutura, para com os seus produtos e ou concorrentes (SOUZA; PIRES, 2012). Partindo-se do conceito, nesta etapa foram identificadas as condutas individuais dos elos integrantes da estrutura, a fim de posteriormente visualizar o desempenho como um todo.

#### **4.2.1 Conduta do Fornecedor de Insumos**

A princípio, conforme o levantamento de dados para a pesquisa, não foram identificados fornecedores de insumos capacitados em atender os produtores orgânicos e agroecológicos no município de Dourados, porém, conforme relatado nas entrevistas fornecidas pelos órgãos certificadores, estes fornecedores localizam-se fora do estado revendendo seus produtos apenas em grandes quantidades e com um custo elevado para compras individuais.

Conforme exposto pelo técnico da APOMS, um dos trabalhos realizados pela associação é a de garantir as compras coletivas para os agricultores, identificando a necessidade de insumos por membro, depois realizando-se o montante, compras com os fornecedores e por último as divisões dos produtos entre os produtores.

O entrevistado explicou que o fato de não ter fornecedores de insumos capacitados em atender o segmento de produção orgânica e agroecológica no município, se dá ao fato de que para haver comercialização de insumos específicos para este nicho de mercado, as empresas devem possuir um registro específico junto ao MAPA, e que esta exigência acaba sendo um fato impeditivo para muitos fornecedores convencionais na cidade, além da baixa demanda pelos insumos comparando-se a demanda de produtos comercializados para a produção convencional.

Entretanto, só há a necessidade de os produtores comprarem algum tipo de complemento com esses fornecedores, quando acontece algum tipo de imprevisto na produção a qual os defensivos produzidos dentro da propriedade não são o suficiente e até mesmo incapazes de combater determinadas pragas e outras infestações.

#### **4.2.2 Conduta dos Produtores**

##### **4.2.2.1 Conduta do Produtor Agroecológico**

Para levantamento dos dados referente a este elo, foram entrevistados 13 produtores agroecológicos, os quais estavam em sua maioria concentrados na Feira Agroecológica do Parque dos Ipês, sendo 76,9% dos entrevistados do gênero masculino e 23,1% dos entrevistados do gênero feminino.

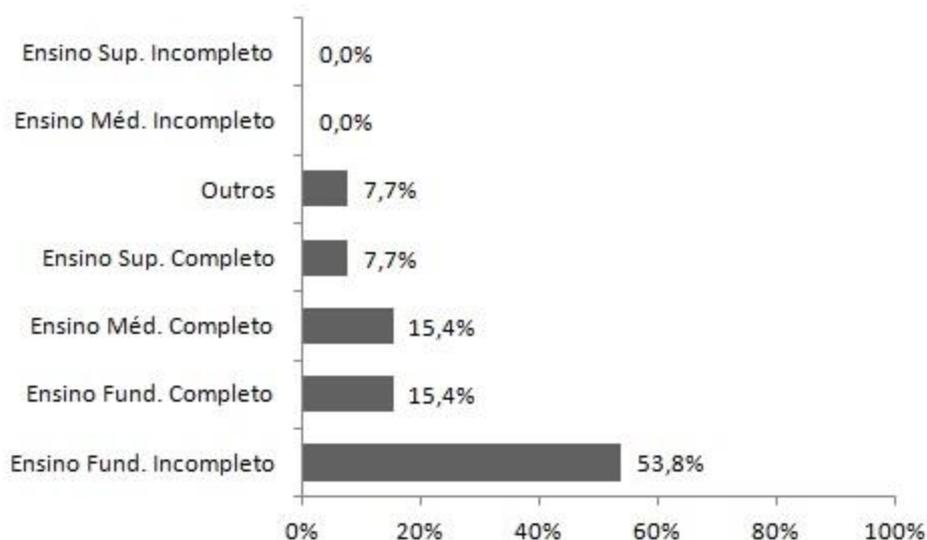
Produtor Agroecológico	Feminino	Masculino	Total Idade
Idade	(%)	(%)	(%)
Até 20 anos	-	-	-
21 à 30 anos	7,7%	7,7%	15,4%
31 à 40 anos	7,7%	15,4%	23,1%
41 à 50 anos	0,0%	15,4%	15,4%
mais de 50 anos	7,7%	38,5%	46,2%
<b>Total (%) Gênero</b>	<b>23,1%</b>	<b>76,9%</b>	<b>100,0%</b>

**Tabela 1:** Idade dos Entrevistados X Gênero dos Entrevistados – Produtores Agroecológicos

**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Observou-se que 46,2% dos entrevistados possuem mais de 50 anos de idade, sendo 38,5% do gênero masculino e 7,7% do gênero feminino. Predominando-se na frequência idade, o gênero masculino com o maior percentual dos entrevistados. Em contrapartida, 15,4% dos entrevistados possuem idade entre os 21 à 30 anos, tendo igualdade de entrevistados para cada gênero representados por 7,7% cada (Tabela 1).

O grau de escolaridade também é um fator a ser considerado, justificando-se que esta frequência infere no perfil de conhecimento dos agricultores (Figura 7).



**Figura 7:** Grau de Escolaridade dos Entrevistados – Produtores Agroecológicos

**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Nota-se que do total de entrevistados, 53,8% possuem apenas o ensino fundamental incompleto, composto por 46,2% do gênero masculino e 7,7% do gênero feminino e apenas

7,7% dos entrevistados possuem o ensino superior completo, composto somente por entrevistados do gênero masculino. Assim, 42,9% dos entrevistados com o ensino fundamental incompleto têm idade superior a 50 anos de idade representados em sua maioria pelo gênero masculino, e dos entrevistados que possuem o ensino superior completo, todos apresentaram idade entre 21 a 30 anos com gênero masculino.

Em análise semelhante realizada por Storch *et al.* (2004), constatou-se que 77% dos agricultores no sul do Rio Grande do Sul declararam não terem concluído o ensino fundamental e destes, 31% nem chegaram a cursar a quarta série. Ainda com base na pesquisa realizada pelo autor, conforme análise realizada, 37% dos agricultores entrevistados tinham idade acima de 40 anos, esclarecendo-se a inversão proporcional da idade com o grau de escolaridade. Foi possível observar a predominância de agricultores agroecológicos do gênero masculino com o ensino fundamental incompleto e idade superior aos 50 anos e uma minoria de agricultores do gênero masculino com ensino superior completo com idade entre 21 a 30 anos.

O tempo de atuação dos agricultores na produção agroecológica foi identificado em sua maioria com um percentual de 38,5% para aqueles que praticam a agroecologia a mais de dez anos no mercado e um mínimo de 7,7% dos entrevistados que atuam a menos de um ano. Observou-se que dos entrevistados que trabalham com produção agroecológica a mais de dez anos são em sua maioria do gênero masculino, enquanto os entrevistados que estão à menos de um ano nesse setor de produção, são em sua maioria do gênero feminino. Segundo Woortmann (1997), o processo do trabalho possui dimensões simbólicas que constroem não apenas espaços agrícolas, mas também espaços sociais de gênero, desta forma, ressaltou a maneira como a questão de classe se mostra ainda como um dos grandes desafios para o meio agroecológico (SOUZA *et al.* 2015).

Os entrevistados em sua totalidade afirmaram não possuir funcionários para o auxílio das atividades na produção, alegando que somente a mão de obra familiar é suficiente, por razão de todo o conhecimento adquirido ser passado de “pai para filho”, não havendo assim a necessidade de contratação de terceiros. Segundo Finatto e Salomani (2008), existe uma relação simbólica do produtor com sua terra de cultivo, onde as tradições culturais são influenciadas pelo meio o qual é mantido pelos sucessores do grupo familiar, juntamente com técnicas tradicionais as quais se relacionam de forma harmoniosa com o ambiente natural no qual desenvolvem suas atividades, confirmando o que Canuto, Silveira e Marques (1994) mencionam sobre a ecologia não representar apenas a base para uma estrutura de produção,

mas sim, uma grandeza de se atribuir também a totalidade da vida do agricultor e reprodução social familiar.

Fica expresso em 61,5% dos entrevistados os quais alegarem que a venda dos produtos agroecológicos é a única renda financeira da família, enquanto 38,5% afirmaram comercializar além dos agroecológicos, outros tipos de produtos como leite, mudas de plantas e a monocultura de produtos convencionais.

Dentre os agricultores entrevistados, 53,8% confirmou ser associado a algum tipo de entidade a qual presta serviços de apoio técnico e auxílio nas demais atividades executadas, principalmente na comercialização, como relatado pelo responsável técnico da APOMS. Enquanto 46,2% dos produtores alegou não participar de nenhum tipo de associação ou entidade participativa, justificando-se que não possuem interesse em fazer parte de algum tipo de grupo ou que nunca foram procurados para integrarem algum círculo coletivo de produtores.

A não certificação também é outro fator que diferencia os produtos agroecológicos dos produtos orgânicos, onde em sua totalidade os produtores afirmaram não utilizar nenhum tipo de selo para diferenciação dos produtos, pois ainda se encontram em processo de instabilidade ecológica em suas produções. Souza, Santos e Bezerra (2012) reforçam que a agroecologia, por também ser reconhecida como ciência, engloba distintas áreas com finalidade de garantia para uma sustentabilidade agrícola, não tendo como certifi-cá-la.

Outro fator de importância questionado aos agricultores, se deu quanto à produção ou compra de insumos com fornecedores. Um montante de 95% dos entrevistados afirmou produzir os insumos na propriedade com meios ecológicos e biológicos que possuem a sua disposição, enquanto 15% destes entrevistados alegaram que além de produzirem, também compram algum tipo de complemento para produção destes insumos. Isto fica evidente em pesquisa realizada nos municípios de Mato Grosso do Sul, onde Pádua (2014) identificou que 32% dos agricultores mencionaram dificuldade em utilizar integralmente todas as práticas de base agroecológica, mencionando-se ainda, que um dos entraves segundo os produtores seria o acesso aos insumos. Porém, com base nas conversas informais com os produtores, estes afirmaram que isto ocorre somente quando há algum tipo de necessidade específica em que os insumos por eles produzidos demandam algum outro tipo de elemento os quais não se encontra na cidade ou região, como por exemplo a compra do sulfato de alumínio para o preparo da calda bordalesa, já mencionado anteriormente.

Os produtores quando entrevistados atribuíram um grau de desempenho para pontos-chaves na cadeia produtiva agroecológica, como acesso a insumos, produção, acesso à

informação para produção, incentivo técnico, relação com o consumidor, comercialização dos produtos e local de comercialização.

Observa-se que em maioria os entrevistados classificaram o acesso a insumos com um desempenho “bom” com 38,5% seguido de um desempenho “ótimo” com 30,8%. Em observações indiretas e conversas informais com os produtores, o acesso a insumos para a produção é um dos fatores mais fáceis de lidar durante toda a cadeia, pois os recursos naturais necessários para a preparação dos insumos são encontrados sem nenhuma dificuldade na propriedade dos agricultores (Tabela 2).

Em contrapartida, 61,5% dos entrevistados alegaram que pelo fato da produção ser agroecológica e possuir diretrizes sustentáveis a serem mantidas, a mão de obra para se manter a produção de forma equilibrada acaba sendo trabalhosa. Conforme relatado pelo técnico da APOMS, os produtores correm riscos desde a plantação da semente, até mesmo a comercialização do produto já em mãos, em consequência de fatores bióticos e abióticos do agroecossistema.

Elemento	Desempenho	(%)
Acesso á Insumos	Bom	38,5%
Produção dos Produtos	Regular	61,5%
Acesso à Informação	Bom	46,2%
Incentivo Técnico	Regular	30,8%
Relação com Consumidor	Bom	46,2%
Comercialização dos Produtos	Bom	53,8%
Local de Comercialização	Regular	30,8%

**Tabela 2:** Grau de Desempenho Atribuído à Fatores Chaves da Cadeia Produtiva Agroecológica

**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Conforme relatado pelos agricultores, o acesso à informação para a produção é algo que também está ao alcance deles. Nota-se que o percentual teve em sua maioria com o elemento “bom” seguindo-se de “ótimo” com 38,5%. Alguns dos agricultores mencionaram o uso da internet para esclarecimento de dúvidas e até mesmo como fonte para novos aprendizados relacionados ao meio agroecológico.

O apoio técnico é fator de incômodo entre os entrevistados, onde 30,8% condicionaram que este desempenho é apenas “regular” seguindo-se com 23,1% para um desempenho “difícil”. Observou-se que os agricultores reclamaram que só tiveram apoio técnico no começo da participação em algum projeto de apoio aos agricultores, e que depois

de um determinado tempo, essa regularidade de acompanhamento diminui frequentemente. Padovan *et al.* (2002) reafirma que uma das dificuldades dos produtores está relacionada na insuficiência da assistência técnica e assessoria adequada às necessidades reais destes agricultores. Isto se confirma na pesquisa de Pádua (2014) onde foram identificados que 45% dos agricultores não recebem assistência técnica no MS.

A relação com o consumidor e a comercialização dos produtos obteve um parecer “bom” frente aos entrevistados. Os produtores relataram informalmente que não possuem dificuldades em lidar com os consumidores e que estes são fiéis aos seus produtos comercializados, tendo como único ponto negativo, a não aceitação dos consumidores sobre a pouca variedade de produtos disponibilizados nas feiras e muitas vezes condicionados ao tamanho ou apresentação destes produtos. Oliveira *et al.* (2013) em análise idêntica no município de Lagoa Seca – PB, observaram que um dos entraves no ato da comercialização se diz respeito a produção descontínua dos produtos e transporte.

Já o local para comercialização obteve um percentual de 30,8% taxado como “regular”, pois alguns produtores justificaram não possuir veículos próprios para transportarem seus produtos, tendo que depender da colaboração de outros produtores que possuem veículo, dificultando assim as vendas dos produtos, principalmente por consequência da distância de suas propriedades até as feiras.

Em questão aberta, os produtores foram questionados quanto aos motivos que os levaram a produzir e comercializar itens da linha agroecológica, e como resposta se obteve que a produção desse segmento sustentável é de baixo custo por não utilizar insumos químicos e por conta da produção ser consequência da mão de obra familiar, condicionando assim um custo a menos para produção, além das vantagens em benefício da saúde de suas famílias.

Em geral os produtores queixaram-se que ainda há muito que melhorar na produção e comercialização dos produtos agroecológicos, partindo-se da regularidade do apoio técnico que ainda é um dos fatores que apresentaram carência na cadeia produtiva e também apoio financeiro para custear instrumentos e estruturas de trabalho. Silva e Silva (2011) reforçam este fato mencionando que além das dificuldades no processo produtivo, os agricultores sofrem com os entraves de uma infraestrutura deficiente para logística da produção e carência de assistência técnica.

#### 4.2.2.2 Conduta do Produtor Orgânico

Para a análise da conduta deste elo foram identificados por meio do levantamento de dados junto à APOMS, que no município de Dourados só existem três produtores certificados como orgânicos, enquanto aos demais são residentes em outros municípios e região. Destes produtores, foram entrevistados apenas dois e um terceiro que se encontrava no final do processo de certificação.

Dois dos produtores eram do gênero masculino, representando 67,7% e apenas um produtor era do gênero feminino, representando 33,3% dos entrevistados. Desse total, todos foram identificados com idade superior aos 50 anos e com ensino superior completo. Mazzoleni e Nogueira (2006) também constata em suas análises que agricultores com baixa escolaridade e vivência, apenas com a agricultura conseguem certificar-se e se colocar no mercado de forma positiva, enquanto os produtores com capacitação formal e conhecimento de mercado, trazem para a agricultura novas visões e quebram antigos paradigmas, aumentando assim as práticas da produção orgânica. Os autores relatam ainda que em pesquisa na região de 12 municípios próximos a Curitiba-PR, foi identificado que 46% dos agricultores orgânicos certificados possuem o ensino superior, enquanto os produtores em processo de transição e não-certificados alcançaram apenas 15% dos entrevistados.

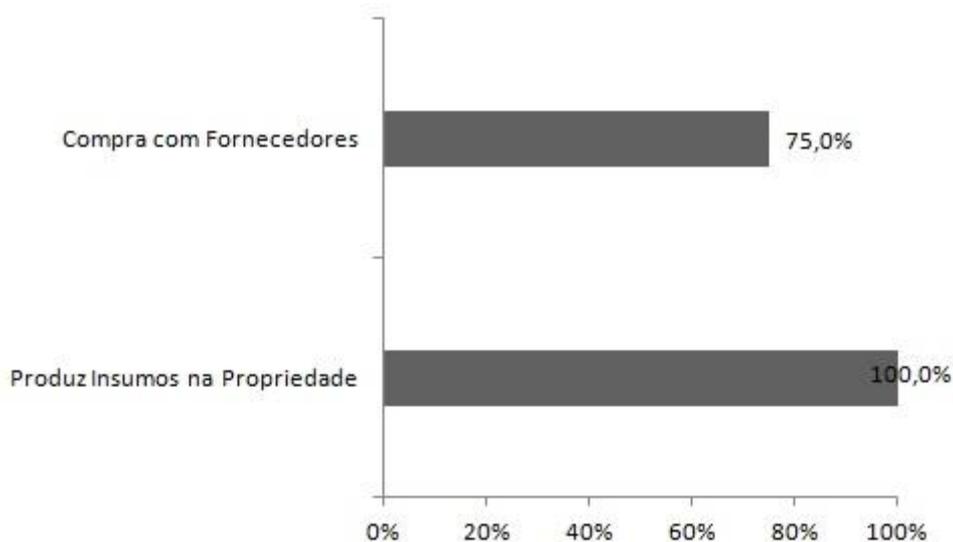
O tempo de atuação na produção orgânica entre os entrevistados está em média de 7 anos para cada produtor e todos afirmaram ter cerca de 1 funcionário contratado para o auxílio na mão-de-obra da produção. De acordo com análises de Caixêta (2012) em pesquisa realizada na região metropolitana de Goiânia, também foi identificado que 57,89% dos produtores orgânicos contam com a participação de funcionários registrados.

Os agricultores orgânicos também responderam em totalidade que recebem apoio técnico e que participam de alguma associação. Souza (2003) confirma este fato quando menciona que uma estimativa de 90% dos produtores orgânicos do Brasil é composto por pequenos agricultores ligados às associações e grupos de movimentos sociais. Elencado à isto, o autor Caixêta (2012) ressalta a importância de esclarecer que as pessoas realizam a certificação de apenas uma parte da propriedade, assim sendo, a área da propriedade maior que a área certificada para a produção orgânica, restando ainda alguns hectares para atividades agropecuárias convencionais. Como relatado pelos entrevistados, quando questionados sobre suas rendas financeiras serem atribuídas somente a produção orgânica, a maioria respondeu realizar outras atividades produtivas para complemento da renda familiar.

Os produtores entrevistados confirmaram, em sua maioria, a certificação dos seus produtos e obtenção do número de registro junto ao MAPA, enquanto apenas um entrevistado alegou estar no final do processo da certificação, estando ainda no aguardo da liberação do seu registro.

Conforme relatado pelos entrevistados, a certificação orgânica foi realizada via SPG pela APOMS, em consequência dos menores custos atribuídos a este processo. Em entrevista com o técnico da associação, até então a certificação não era cobrada dos produtores, entretanto, nos últimos dois anos iniciou-se a cobrança de uma taxa simbólica anual para cada produtor, como meio de contribuição aos custos que a associação possui para a realização das certificações e manutenções posteriores. Ainda sob o ponto de vista do técnico da associação, apesar dos custos menores atribuídos a certificação via SPG, esta é a mais complexa de todas, por depender da anuência de todos que integram o OPAC. Apesar disso Meirelles (2003), reafirma que o sistema participativo de garantia gera credibilidade em razão da participação solidária de todos os segmentos interessados em garantir a qualidade do produto final e de todo o processo de produção.

Observa-se que oposto aos produtores agroecológicos, os produtores orgânicos ainda possuem certa dependência de compra de insumos biológicos com fornecedores. Porém, os mesmos se justificaram dizendo que a produção orgânica por ser de tamanha complexidade e rigorosidade, apenas os insumos produzidos na propriedade não são o suficiente, havendo a necessidade de compra de complementos biológicos para aumentar a quantidade de defensivos para a produção (Figura 8).



**Figura 8:** Compra de Insumos x Produção de Insumos – Produtores Orgânicos  
**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Os desempenhos atribuídos pelos produtores orgânicos foram em maioria idênticos (Tabela 3). Destaca-se maior atenção para os elementos relacionados ao acesso a insumos, onde os entrevistados atribuíram como “regular” ou “muito difícil”, relatando a dificuldade de manter uma constância da produção dos insumos e também para a compra destes devido ao alto custo.

Elemento	Desempenho		
	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3
Acesso á Insumos	muito difícil	regular	regular
Produção	ótimo	muito difícil	regular
Acesso à Informação	Bom	ótimo	bom
Incentivo Técnico	Regular	bom	regular
Relação com Consumidor	Regular	regular	difícil
Comercialização dos Produtos	Regular	regular	regular
Local de Comercialização	ótimo	bom	bom

**Tabela 3:** Grau de Desempenho Atribuído à Fatores Chaves da Cadeia Produtiva Orgânica

**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Outro fator que chama atenção, e também muito comentado pelos agricultores, é sobre a complicada relação com os consumidores. Os entrevistados relacionaram este elemento com desempenho “regular” ou “difícil” alegando a não valorização e a falta de consciência dos consumidores sobre o produto orgânico. Este fator também é identificado em análises de Pádua (2014), que verificou como uma das dificuldades dos agricultores a falta de conscientização dos consumidores quanto à importância dos produtos orgânicos. A autora relata ainda que isto ocorre principalmente em pequenos municípios, onde a diferenciação dos produtos orgânicos não é reconhecida pelos produtores.

Condicionado a este fator, a comercialização dos produtos também é ponto de reclamações entre os produtores, estando com desempenho “regular” sob o ponto de vista de todos. Os entrevistados alegam a não valorização dos produtos pelos consumidores, os quais sempre reclamam dos preços altos, a pouca variedade e tamanho dos produtos comparados com os produtos convencionais. O técnico da associação também relata essa dificuldade dos produtores no momento das vendas, reafirmando a falta de consciência dos consumidores. Caixêta (2012) identificou que a diferença de preço dos produtos orgânicos chega a ser de 35% a mais que as hortaliças convencionais.

O motivo da realização da produção e comercialização do produto orgânico pelos agricultores foi justificado pelo bem-estar familiar, saúde e meio ambiente. Em estudo realizado em Santa Teresa – ES por Loss e Romagnha (2008), também se constatou que os agricultores mencionaram o meio ambiente e saúde como os principais setores beneficiados pela prática orgânica, ressaltando o empenho dos agricultores por uma prática a qual disponibiliza benefícios para todo o contexto social e ambiental que estão inseridos (PÁDUA, 2014).

Dentre as sugestões de melhoria na cadeia produtiva orgânica, a frequência de resposta entre os produtores foi maior divulgação e incentivo ao consumo de produtos orgânicos, maior assistência técnica especializada e liberação de créditos com mais facilidade. Mas enquanto isto não ocorre, Padovan (2016) menciona que muitas vezes os agricultores se frustram e se desestimulam a produzir, necessitando de um apoio mesmo que pequeno de organizações governamentais, acesso à créditos e assistência técnica.

#### **4.2.3 Conduta do Órgão Certificador**

Conforme levantamento de dados para a pesquisa identificou-se que a conduta individual das entidades reguladoras presentes no município é bem diversificada de uma para outra. Apesar de ambas regulamentarem os produtores orgânicos, cada uma possui suas características e limites individuais que definem seus pontos de apoio com os agricultores.

Em entrevista concedida pelo responsável técnico da APOMS, atualmente a associação em Dourados trabalha em média com 12 produtores associados, entre eles orgânicos e agroecológicos os quais têm perfil em sua maioria provindos da agricultura familiar e com pequenas propriedades destinadas a produção de subsistência.

O auxílio e suporte prestado aos produtores na cidade vai desde a cooperação técnica na produção, apoio e busca por editais públicos, intermediações para compras coletivas, busca por projetos para fornecimento de insumos e ferramentas, suporte na comercialização, até as responsabilidades de ser a única entidade sediada no Mato Grosso do Sul inscrita no MAPA para certificação orgânica por meio de um OPAC (PADOVAN *et al.* 2014; APOMS, 2015).

Segundo Padovan (2016) os membros do sistema participativo de garantia podem ser pessoas físicas ou jurídicas desde que assumam a responsabilidade na garantia da qualidade e da origem orgânica dos produtos de todos os agricultores que estão envolvidos no processo. Assim, a certificação e a responsabilidade quanto ao cumprimento das normas que garantem a

qualidade orgânica de produção, deverão ser realizadas de forma solidária por todos os integrantes do grupo (FRANCO *et al.* 2014).

Sob o ponto de vista do entrevistado, esta forma de certificação é a mais complexa, pois depende da aprovação de todos os membros do grupo para o aval da certificação. Isto também é afirmado por Allemann e Seo (2010) quando dizem que a tendência da certificação por SPG é aumentar, entretanto, devido sua forma de organização ser de caráter participativo, isto requer mais tempo na construção, implementação e obtenção de resultados; além dos fatores de resistência apresentados pelos agricultores e as exigências durante o processo de certificação.

Os principais fatores de resistência apresentados pelos produtores se tratam da dificuldade de convivência em grupo e, também, a falha das anotações para a rastreabilidade do processo produtivo. Em análises idênticas, Padovan (2016) relatou que alguns membros dos núcleos produtivos da APOMS de fato não estavam acostumados a fazer anotações e preenchimento dos formulários criados para a rastreabilidade exigida, tornando assim um ponto frágil durante o processo de certificação. Já as dificuldades apresentadas pela associação, diz respeito a questão financeira, pois como relatado pelo entrevistado, tudo que a entidade conquistou até hoje foi por meio de parcerias com instituições municipais, estaduais ou federais, e também por meio de editais públicos.

Indiretamente, isto acaba refletindo na produção, visto que boa parte dos agricultores já produzem dentro das conformidades orgânicas, porém não possuem o selo de identificação e o registro junto ao MAPA, em decorrência dos fatores de resistência apresentados e também por questões financeiras da associação, que desde 2016 vem cobrando um valor significativo anual dos produtores certificados como meio de contribuição para a manutenção dos custos após a certificação. Desta forma, é possível observar que a APOMS realiza duplo sentido em suas atividades, onde faz visitas técnicas e também estimulando o processo de certificação dos produtores.

De modo geral, o entrevistado afirmou que os gargalos principais na cadeia produtiva orgânica estão ligados diretamente com os produtores, pois estes possuem dificuldade em modificar sua cultura de produção e também em manter uma constância de produção ao longo do ano, o que acaba sendo uma das barreiras para a comercialização dos produtos orgânicos. Segundo Darolt (2001), os produtores orgânicos enfrentam dificuldades em um mercado acostumado com uma constância de produção, enxergando apenas duas formas para reverter esta situação: (1) melhorar a organização e o planejamento de produção dos grupos dos

agricultores locais; (2) e estimular a consciência dos consumidores sobre as compras dos produtos da época.

Assim, a associação toma frente destas situações e intervêm de modo a amparar todos os agricultores para que estes não fiquem ainda mais desmotivados com suas pequenas produções ecológicas.

Segundo o técnico da APOMS, para melhorar a integração e produtividade da cadeia, deve-se ter primeiramente um maior incentivo à produção orgânica por meio da disponibilidade de créditos para custear ferramentas e estruturas necessárias, valorizar a comercialização dos produtos de modo que os agricultores não sintam receio de produzir em grandes quantidades e, principalmente, iniciar uma conscientização da população para reeducação alimentar por meio dos produtos orgânicos, e assim incentivar a produção local.

Contrapondo a posição da associação como entidade certificadora, o segundo órgão responsável pela certificação orgânica na cidade é realizada por meio de auditorias coletivas ou individuais por empresas licitadas pelo SEBRAE, subsidiando 80% do valor total da auditoria e cobrando apenas 20% dos produtores. Em entrevista realizada com o responsável, identificou-se que o atendimento prestado é realizado conforme a necessidade de grupos de produtores agroecológicos e/ou orgânicos, por meio de recursos captados como o projeto PAIS, PNAE e PAA.

Conforme relatado pelo técnico, o SEBRAE acompanha 25 produtores, os quais também participam e recebem apoio de outras instituições como a APOMS, AGRAER e EMBRAPA. Destes agricultores, todos pretendem se certificar como orgânicos, porém ainda apresentam resistência quanto ao custo da certificação. Segundo Fonseca e Nobre (2005), para a viabilização da certificação por auditoria, em geral, os produtores acabam arcando com despesas como transporte, alimentação e hospedagem dos fiscais; elaboração de relatórios e demais documentos, análises laboratoriais quando necessário, além do custo com a emissão do certificado.

As dificuldades enfrentadas pela entidade são relacionadas ao suporte técnico, que segundo o representante da instituição, ainda é um fator que precisa melhorar para se obter um acompanhamento mais próximo dos produtores de forma semanal e com mais profissionais capacitados e não apenas por meio de visitas mensais, como já é realizado.

Atualmente o SEBRAE não possui nenhum produtor certificado via auditoria no município de Dourados, entretanto o processo de certificação é realizado por meio de certificadoras credenciadas no MAPA a qual fazem todo o acompanhamento com os produtores durante 12 meses para as devidas adequações e futura liberação dos registros dos

certificados. Oliveira, Sambuichi e Silva (2013) relataram em análises idênticas, que a certificação orgânica realizada por meio de auditorias de terceiros é um processo de alto custo, que geralmente só é bancado por grandes produtores ou por grupos de produtores através de associações ou cooperativas.

Entre todas as dificuldades enfrentadas, o gargalo da cadeia produtiva segundo o entrevistado ainda é sobre a aceitação dos agricultores em modificar suas técnicas de produção convencionais para técnicas de produção ecológicas que não agridam o meio ambiente.

Segundo o responsável técnico do SEBRAE, para acontecer melhorias na cadeia produtiva orgânica e agroecológica, deve-se haver uma parceria entre as entidades que apoiam os sistemas produtivos, para então, cada instituição se responsabilizar por um atendimento específico e assim trabalhar em conjunto e melhorar o acompanhamento e apoio técnico aos produtores.

#### 4.2.4 Conduta do Consumidor

De acordo com os dados da pesquisa, o perfil dos consumidores de F.L.V. no município de Dourados foi identificado com 56,3% do gênero feminino com idade superior a 50 anos e 43,8% de entrevistados do gênero masculino com idade de 41 a 50 anos (Tabela 4). Em análise idêntica realizada por Caixêta (2012) na cidade de Goiânia – GO, 57,83% dos entrevistados eram mulheres e 42,17% eram homens, constatando que o público feminino é responsável pela compra de produtos na feira consumidos pela família.

<b>Consumidor</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>Total Idade</b>
<b>Idade</b>	<b>(%)</b>	<b>(%)</b>	<b>(%)</b>
Até 20 anos	6,3%	0,0%	6,3%
21 a 30 anos	6,3%	6,3%	12,5%
31 a 40 anos	6,3%	12,5%	18,8%
41 a 50 anos	12,5%	18,8%	31,3%
Mais que 50 anos	25,0%	6,3%	31,3%
<b>Total (%) Gênero</b>	<b>56,3%</b>	<b>43,8%</b>	<b>100,0%</b>

**Tabela 4:** Idade x Gênero – Consumidores

**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Outro fator interessante de se observar é o grau de escolaridade dos consumidores, identificado em sua maioria com ensino superior completo com 43,8% possuindo renda familiar acima de 3 salários mínimos, confirmando assim que os entrevistados que frequentam a feira possuem nível de ensino e renda familiares relativamente altas, contrapondo uma minoria de entrevistados com renda de 1 a 2 salários mínimos e grau de escolaridade do ensino fundamental de incompleto até o ensino médio completo (Tabela 5).

É interessante observar que a maioria dos consumidores de produtos orgânicos e agroecológicos se concentraram nas maiores feiras localizadas em bairros de alta classe da cidade, confirmando assim a relação com a maioria dos entrevistados possuírem nível de escolaridade alta e com renda superior a 3 salários.

Comparando-se os dados levantados com os dados apurados em uma pesquisa realizada num município de fronteira na região noroeste do Rio Grande do Sul, Zamberlan, Büttendier e Sparenberger (2006) constataram que os entrevistados apresentaram nível de escolaridade superior à proporção existente do município, dos quais representaram 45,31% os quais possuem ou estão cursando ensino superior.

Consumidor	Ensino Fund. Incompleto	Ensino Fund. Completo	Ensino Méd. Incompleto	Ensino Méd. Completo	Ensino Sup. Incompleto	Ensino Sup. Completo	Outros	Total Salário
Salário	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
1 Salário	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
1 a 2 salários	6,3%	0,0%	0,0%	6,3%	0,0%	0,0%	0,0%	12,5%
mais que 3 salários	0,0%	0,0%	0,0%	6,3%	18,8%	43,8%	18,8%	87,5%
<b>Total geral</b>	<b>6,3%</b>	<b>0,0%</b>	<b>0,0%</b>	<b>12,5%</b>	<b>18,8%</b>	<b>43,8%</b>	<b>18,8%</b>	<b>100,0%</b>

**Tabela 5:** Renda Familiar x Grau de Escolaridade

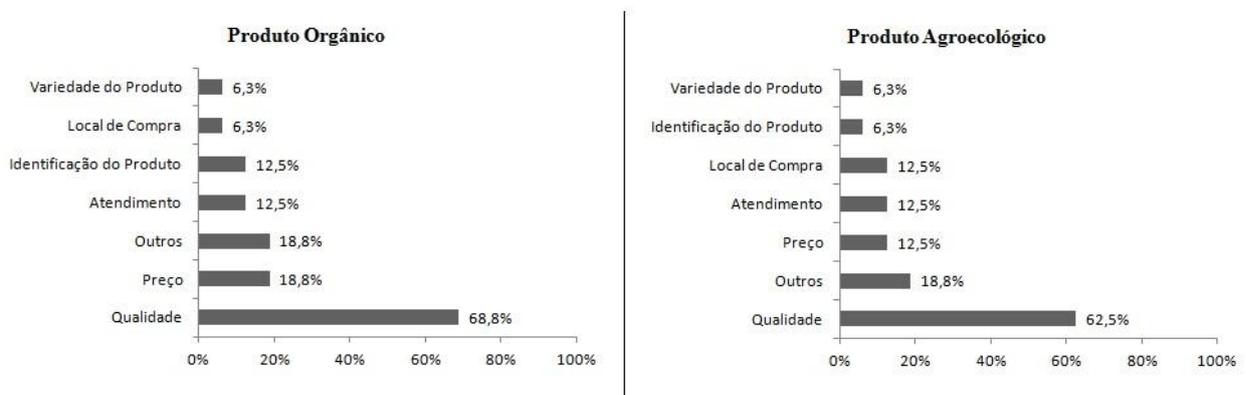
**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Dentre os entrevistados 68,8% responderam frequentar a feira toda semana, dos quais sempre realizam compras em maior quantidade de produtos agroecológicos com 56,3% seguidos dos produtos orgânicos com 50,0%. Dentro desta análise, os consumidores se justificaram atribuindo fatores de influência no momento das compras dos agroecológicos e orgânicos (Figura 9).

Destes fatores, os entrevistados responderam em maioria comprar ambos os produtos por questão de qualidade, alegando benefícios para o bem-estar e saúde familiar. Em análises realizadas na feira de Glória no Rio de Janeiro – RJ, Silva *et al.* (2013) constatou que 100% dos entrevistados compravam produtos orgânicos e agroecológicos por motivo de

preocupação com a saúde. Isto também foi identificado por Silva *et al.* (2005) em pesquisa realizada na região Sul e Sudeste do Brasil, onde os principais motivos citados para o consumo de alimentos orgânicos e agroecológicos, foram por estes fazerem bem à saúde, por não possuírem agrotóxicos, terem mais sabor e por serem mais natural e conseqüentemente com mais qualidade.

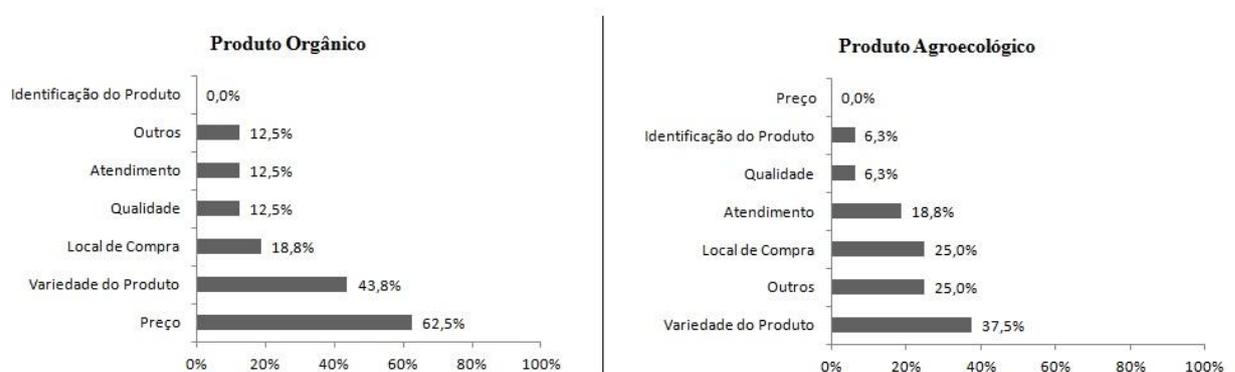
Em contrapartida, um montante mínimo de 6,3% alegou comprar os produtos em função da variedade, fator este de reclamação entre a maioria dos consumidores, os quais alegaram a baixa variedade dos produtos agroecológicos e ou orgânicos disponibilizados para as compras.



**Figura 9:** Motivos de compra de Produto Orgânico x Produto Agroecológico

**Fonte:** Elaborado pelo Autor

Os fatores que influenciam a não realização das compras dos produtos foi identificada com maioridade de 62,5% sobre o atributo preço para os produtos orgânicos e 37,5% sobre a deficiência de variedade dos produtos agroecológicos.



**Figura 10:** Motivos de não realização de compra de Produto Orgânico x Produto Agroecológico

**Autor:** Elaborado pelo Autor

Os entrevistados queixaram-se do valor cobrado pelos produtos e da pouca variedade destes no momento das compras. Estes atributos também foram identificados em análises realizadas por Neutzling *et al.* (2009) em uma feira na cidade de Porto Alegre – RS, onde 34,6% dos consumidores entrevistados alegaram que o preço é o fator que mais restringe o consumo dos alimentos orgânicos, seguindo-se da localização dos pontos de vendas com 33,7% e a pouca disponibilidade de compra com 17,4%. Já os produtos agroecológicos, conforme pesquisa na cidade de Patos – PB, Vieira (2011) destacou que 14,0% dos consumidores, reclamaram a falta de diversidade dos produtos, alegando que a maioria dos produtores ofertam apenas aqueles estão no período da safra.

Questionou-se aos consumidores como estes realizavam a identificação dos produtos no momento das compras, entre estes 56,3% responderam que perguntam ao vendedor se o produto é orgânico certificado, agroecológico ou convencional. Já 43,8% disseram procurar algum tipo de identificação na banca ou embalagem, enquanto 25,0% dos entrevistados alegaram demais fatores como forma de identificação da origem dos produtos, como a relação de confiança estabelecida com os produtores, intuição e apresentação do produto.

Sobre o selo de identificação das procedências dos produtos comercializados, 75,0 % dos consumidores consideraram importante a identificação de origem orgânica e 62,5% dos entrevistados alegaram a necessidade de também haver identificação específica ou embalagem própria nos produtos agroecológicos, com intuito de esclarecer e tornar visível aos consumidores o que de fato estão consumindo. Observa-se, entretanto, que por mais que a maioria dos consumidores alegaram a certificação como fator importante para a identificação dos produtos, alguns entrevistados relataram que ainda possuem dúvidas quanto a procedência da produção, se de fato estas atendem os requisitos de cultivo orgânico e /ou agroecológico.

Em questão aberta realizada aos entrevistados, questionou-se o que precisava melhorar com relação aos produtos do segmento F.L.V. orgânicos e agroecológicos comercializados nas feiras da cidade. Em frequência das respostas, os consumidores citaram a melhoria dos espaços físicos, maior disposição e variedade dos produtos, melhor higienização nas bancas e manuseio pelos produtores, maior divulgação das feiras, melhoria nos preços e uma melhor apresentação dos produtos para as vendas.

Estes fatores também foram identificados em análises realizadas por Silva (2010), onde os consumidores sugeriram a maior variedade de frutas e hortaliças; embalagem com material apropriado para os produtos, melhoria na limpeza das feiras e maior higienização das bancas.

### 4.3 DESEMPENHO

Após a identificação da estrutura e dos elos integrantes, será apresentado o desempenho produtivo das cadeias com base na técnica desenvolvida por Albert Humphrey nomeada como Análise *SWOT* (*Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats*), que segundo Kotler (2000), é um instrumento o qual permite diferenciar os cenários interno e externo de modo a observar o desempenho atual (fortalezas e fraquezas) e o desempenho futuro (oportunidades e ameaças) de uma organização. Ansoff (1990) complementa ainda, que esta ferramenta estrutura a elaboração de análises para a construção de planejamentos estratégicos de um determinado tema, não necessariamente apenas de uma organização.

Assim, de acordo com Silva (2013) aplicando-se a análise *SWOT* os elementos mais relevantes com base em suas classificações de pontos fortes, fracos, ameaças e oportunidades, são identificados e agrupados por tópicos para maior facilidade da análise, o que simplifica a observação acerca do desempenho das cadeias produtivas, de modo a visualizar as condutas dos elos sob os reflexos da estrutura de mercado (CRUZ, 2009).

Desta forma, com base nas condutas dos elos, foram pontuados a seguir os elementos relevantes do cenário interno e externo as cadeias produtivas, possibilitando a identificação das vantagens e desvantagens das cadeias quando estas são comparadas.

### 4.3.1 Análise *SWOT* da Cadeia Produtiva Agroecológica

	<b>FORÇAS</b>	<b>FRAQUEZAS</b>
<b>INTERNA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produto livre de insumos químicos tóxicos;</li> <li>• Alta produção de insumos na propriedade;</li> <li>• Baixa dependência de compra de insumos;</li> <li>• Relação de confiança com os consumidores;</li> <li>• Produção sustentável;</li> <li>• Comercialização direta com os produtores;</li> <li>• Produtores associados a algum tipo de entidade;</li> <li>• Acesso a informação;</li> <li>• Mão de obra familiar;</li> <li>• Trabalhos desenvolvidos geram benefícios à saúde;;</li> <li>• Consumidores preocupados com saúde e bem-estar familiar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produtos sem identificação / certificação;</li> <li>• Produção por temporadas / pouca variedade e disponibilidade de produtos;</li> <li>• Baixa escolaridade dos produtores;</li> <li>• Dificuldade na modificação da cultura de produção convencional para ecológica;</li> <li>• Dificuldade para manutenção da produção dentro dos requisitos ecológicos;</li> <li>• Dificuldade com transporte;</li> <li>• Divulgação;</li> <li>• Higienização.</li> </ul>
<b>EXTERNA</b>	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consumidores preocupados com a saúde e bem-estar familiar;</li> <li>• Projetos que demandam a produção intensiva destes produtos;</li> <li>• Benefícios à saúde.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Riscos na Produção (fatores bióticos e abióticos);</li> <li>• Alto custo para aquisição de insumos e complementos;</li> <li>• Substituição por produtos convencionais;</li> <li>• Baixa demanda pelos produtos.</li> <li>• Falta de conscientização dos consumidores;</li> <li>• Poucos fornecedores de insumos regulamentados pelo MAPA.</li> <li>• Falta de fornecedor capacitado no município/estado;</li> <li>• Falta de apoio técnico;</li> <li>• Localização dos pontos de venda;</li> <li>• Dificuldade no acesso a créditos financeiros.</li> </ul>

**Quadro 4:** Análise *SWOT* da cadeia produtiva agroecológica.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A partir da análise *SWOT* desenvolvida na cadeia produtiva agroecológica (Quadro 4), destacam-se pontos de maior relevância por atribuírem características particulares da cadeia, sendo estes os principais elementos de vantagens e desvantagens da estrutura. Apresentam-se então as forças por meio da produção de insumos serem realizada dentro das propriedades não havendo dependência de compra com fornecedores, relação de confiança estável entre os produtores e consumidores e mão de obra familiar, diminuindo os custos de produção. As fraquezas possuem como destaque os produtos sem certificação ou identificação, a baixa escolaridade dos produtores e a dificuldade de transporte dos produtos até os pontos de vendas o qual torna-se uma ameaça característica da cadeia sob ponto de vista dos produtores agroecológicos.

### 4.3.2 Análise SWOT da Cadeia Produtiva Orgânica

	<b>FORÇAS</b>	<b>FRAQUEZAS</b>
<b>INTERNA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produto livre de defensivos químicos tóxicos;</li> <li>• Certificação de produto orgânico;</li> <li>• Práticas alternativas de manejo;</li> <li>• Preservação do meio ambiente;</li> <li>• Acesso a informação;</li> <li>• Comercialização direta com os produtores;</li> <li>• Entregas em domicílio;</li> <li>• Alta escolaridade dos produtores;</li> <li>• Produção sustentável;</li> <li>• Produtores associados a algum tipo de entidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade para comercializar os produtos;</li> <li>• Produção sazonal / pouca variedade e disponibilidade de produtos;</li> <li>• Custo com terceirização de mão de obra;</li> <li>• Adaptação para produção ecológica;</li> <li>• Dificuldade de convivência em grupos;</li> <li>• Rastreabilidade da produção para certificação;</li> <li>• Dependência de compra de insumos;</li> <li>• Baixa divulgação;</li> <li>• Pouca higienização dos produtos.</li> </ul>
<b>EXTERNA</b>	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consumidores preocupados com a saúde e bem-estar familiar;</li> <li>• Expansão de mercado;</li> <li>• Projetos que demandam a produção intensiva destes produtos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Riscos na Produção (fatores bióticos e abióticos);</li> <li>• Substituição por produtos convencionais;</li> <li>• Concorrência com os atravessadores;</li> <li>• Falta de consciência dos consumidores;</li> <li>• Baixa demanda pelos produtos;</li> <li>• Custo da certificação;</li> <li>• Preço elevado dos produtos;</li> <li>• Poucos fornecedores de insumos regulamentados pelo MAPA;</li> <li>• Falta de fornecedor capacitado no município/estado;</li> <li>• Alto custo para aquisição de insumos e complementos;</li> <li>• Dificuldade no acesso aos insumos;</li> <li>• Apoio técnico deficitário;</li> <li>• Dificuldade no acesso a créditos financeiros;</li> <li>• Dificuldade de inserção de produtos orgânicos para vendas em mercados locais;</li> <li>• Dificuldade no relacionamento com os consumidores.</li> </ul>

**Quadro 5:** Análise SWOT da cadeia produtiva orgânica

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A análise SWOT da cadeia produtiva orgânica (Quadro 5) revela, também, pontos característicos do manejo dentro desta estrutura, estes representados pela força da certificação dos produtos como orgânicos junto ao MAPA e a alta escolaridade dos produtores, tendo como destaque fraquezas sobre o custo atribuído com a terceirização da mão de obra, dificuldade dos produtores para convivência em grupo mediante realização da certificação via SPG e dependência de compra de insumos. Já as ameaças são maiores quando comparadas a cadeia produtiva agroecológica, sendo estas representadas pelo custo da certificação, preço de venda elevado, concorrência com atravessadores, dificuldade de inserção dos produtos

orgânicos para vendas em mercados locais e dificuldade no relacionamento com os consumidores.

#### 4.3.3 Análise *SWOT* entre as Cadeias Produtivas

As cadeias produtivas apresentaram pontos de pressão semelhantes visto que os elos que formam as estruturas são os mesmos, apresentando diferenças apenas quanto às condutas sobre as estruturas. Destaca-se estas diferenças como o nível de escolaridade entre os produtores, visto que todos os agricultores orgânicos entrevistados possuem nível superior completo e os produtores agroecológicos em sua maioria possuem o primeiro grau incompleto. Outra diferença identificada é a mão de obra utilizada nas produções, dado que os produtores agroecológicos utilizam somente a força familiar para manter a produção enquanto os produtores orgânicos possuem no mínimo 1 funcionário terceirizado para o auxílio das atividades realizadas (Quadro 6).

	<b>FORÇAS</b>	<b>FRAQUEZAS</b>
<b>INTERNA</b>	<p><b>ORGÂNICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Certificação de produto orgânico;</li> <li>• Alta escolaridade dos produtores.</li> </ul> <p><b>AGROECOLÓGICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alta produção de insumos na propriedade;</li> <li>• Baixa dependência de compra de insumos;</li> <li>• Relação de confiança com os consumidores;</li> <li>• Mão De Obra Familiar</li> </ul>	<p><b>ORGÂNICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Custo com terceirização de mão de obra;</li> <li>• Dificuldade de convivência em grupos;</li> <li>• Rastreabilidade da produção para certificação;</li> <li>• Dependência de compra de insumos.</li> </ul> <p><b>AGROECOLÓGICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produtos sem identificação / certificação;</li> <li>• Baixa escolaridade dos produtores;</li> <li>• Dificuldade com transporte;</li> </ul>
<b>EXTERNA</b>	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
	<p><b>ORGÂNICOS E AGROECOLÓGICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Consumidores preocupados com a saúde e bem-estar familiar;</li> <li>• Expansão de mercado;</li> <li>• Projetos que demandam a produção intensiva destes produtos.</li> </ul>	<p><b>ORGÂNICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Concorrência com os atravessadores;</li> <li>• Custo da certificação;</li> <li>• Preço elevado dos produtos;</li> <li>• Dificuldade de inserção de produtos orgânicos para vendas em mercados locais;</li> <li>• Dificuldade no relacionamento com os consumidores.</li> </ul> <p><b>AGROECOLÓGICOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Localização dos pontos de venda;</li> </ul>

**Quadro 6:** Análise *SWOT* entre as cadeias produtivas

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Os gastos com a certificação e a dificuldade de convivência em grupos via SPG também é um ponto relevante na produção orgânica, que se destaca como fraqueza ao contrário da produção agroecológica que não possui custos elevados de produção por apresentar uma constante produção de insumos biológicos e baixa dependência de insumos industrializados, enquanto os produtores orgânicos registraram maior dependência de compra de insumos e complementos para os defensivos já produzidos em suas áreas de cultivo.

A relação com o consumidor é outra diferença entre as cadeias produtivas, pois como relatado pelos agricultores agroecológicos, estes não possuem dificuldades no relacionamento interpessoal com os consumidores, mantendo-se sempre uma relação de confiança apesar de todos os entraves existentes. Já os agricultores orgânicos expuseram dificuldades com os consumidores sobre a não valorização dos produtos certificados, desconfiança sobre as procedências da produção dos produtos, independente de certificação, reclamações de preços elevados e baixa variedade de produtos disponibilizados para as compras, não havendo uma consciência dos consumidores sobre as dificuldades enfrentadas ao longo da produção.

E, por fim, a diferença de maior custo entre as cadeias produtivas é identificada pelos produtos agroecológicos não receberem nenhum tipo de identificação, enquanto os produtos orgânicos possuem selos e numerações de registro além de toda a rastreabilidade realizada ao longo da produção para fins de controle e certificação máxima da cadeia produtiva como ecológica e sustentável.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise da cadeia produtiva orgânica e agroecológica no segmento F.L.V. existente no município de Dourados, percebeu-se a paridade dos elos nas estruturas e forças semelhantes agindo sobre as condutas individuais destes agentes.

As diferenças apresentadas no desempenho das cadeias produtivas refletem as vantagens e as desvantagens de cada estrutura, ficando nítido que estas desigualdades são condicionadas a fatores particulares de cada uma, confirmando-se então que, apesar do cultivo ser realizado sob o manejo ecológico e sustentável e os elos integrantes também serem os mesmos, as condutas são diferentes e, conseqüentemente, o desempenho das cadeias também.

Além da produção sustentável, as vantagens apresentadas pela cadeia agroecológica estão relacionadas a alta produção de insumos biológicos pelos produtores em suas propriedades condicionando ao baixo custo de produção, mão de obra familiar, relação de confiança estável e comercialização direta com os consumidores, baixa dependência de compra de insumos industrializados e facilidade de acesso a informações para benefícios da produção. Enquanto suas desvantagens estão condicionadas a não certificação e/ou falta de identificação nos produtos sobre as procedências de produção, dificuldade no transporte dos produtos até os locais de venda, baixa escolaridade dos produtores, produção por sazonalidade acarretando a baixa variedade de produtos, resistência na troca de cultura de produção convencional para ecológica, dificuldades de manutenção da produção dentro dos requisitos ecológicos, falta de higienização dos produtos e baixa divulgação.

Já a cadeia produtiva orgânica apresentou como vantagem principal o processo de rastreabilidade e concessão de registro dos produtos junto ao MAPA, contrapondo a dificuldade dos produtores orgânicos no relacionamento com seus clientes, em consequência da baixa variedade e dos maiores custos agregado à certificação e as dificuldades de produção biológica, o que eleva os preços de venda e torna-se um motivo de incerteza para os consumidores, visto que estes alegam desconfiança das reais procedências ecológicas da produção ainda com a existência do selo de identificação, apresentando-se assim, elemento de desvantagem sobre a produção orgânica.

As demais vantagens são apresentadas pela produção sustentável por meio de práticas alternativas de manejo, alta escolaridade dos produtores e comercialização direta com os consumidores. E as desvantagens da cadeia são apresentadas por meio da dificuldade para comercialização dos produtos, produção sazonal e baixa variedade de produtos, custos com

terceirização de mão de obra, resistência dos produtores para adaptação para produção ecológica, dificuldade dos produtores na convivência em grupos e realização da rastreabilidade da produção durante o processo de certificação, dependência de compra de insumos industrializados, falta de higienização dos produtos e baixa divulgação.

Nesse sentido, a presença dos mesmos elos e a utilização da agricultura de base sustentável na cadeia produtiva orgânica e agroecológica, não corresponde a um desempenho idêntico entre as estruturas, o que reforça suas características particulares e também uma oportunidade para se destacarem e se reafirmarem no mercado com produtos diferenciados.

Sugere-se dar continuidade à pesquisa, a fim de realizar uma análise quantitativa de todos os elementos de pressão existentes, os quais tem influência sobre as condutas particulares dos elos pertencentes às cadeias produtivas, podendo assim, levantar hipóteses de melhoria sobre as fragilidades das cadeias, a fim de minimizar as desigualdades, já que estas são embasadas em produção ecológica.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, L. S.; BELLON, S.; BRANDENBURG, A.; OLLIVIER, G.; LAMINE C.; DAROLT, M. R.; AVENTURIER, P. *Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia*: Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 26, p. 143-160, jul./dez. 2012. Editora UFPR.
- ALLEMANN, R.; SEO, E. S. M. *Sistemas Participativos de Garantia como gestão da qualidade na agricultura orgânica do estado de São Paulo*. Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, v. 5, n. 3, p. 21-39, 2010.
- ALTIERI, M. A. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.
- ALTIERI, M. A. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável* / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.
- ANSOFF, H. I. *A nova estratégia empresarial*. São Paulo: Atlas, 1990.
- APOMS - Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul. *Manual de Boas Práticas da Rede de Agroecologia de Mato Grosso do Sul*. Glória de Dourados: APOMS, 2015.
- ARRIGNON J. *Agro-écologie des zones arides et sub-humides*. Editions G.-P. Mazonneuve & Larose et ACCT, Paris, 283 pp. 1987.
- ASSIS, R. L. *Agricultura orgânica e agroecologia: questões conceituais e processo de conversão*. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2005. 35 p. (Embrapa Agrobiologia. Documentos, 196).
- ASSIS, R. L. de; ROMEIRO, A. R. *Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências*. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 6, p. 67-80, 2002.
- Avança o cultivo de orgânicos nas hortas escolares de Dourados*. Dourados-MS, 2015. Disponível em: <<http://www.dourados.ms.gov.br/index.php/avanca-o-cultivo-de-organicos-nas-hortas-escolares-de-dourados/>> Acesso em: 13 de jun. 2016.
- BAIN, J. S. *Industrial organization*. New York: John Wiley, 1968.
- BALZON, D. R.; DA SILVA, J. C. G. L.; DOS SANTOS, A. J. *Aspectos Mercadológicos de Produtos Florestais não Madeireiros Análise Retrospectiva*. Floresta, v. 34, n. 3, 2004.
- BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. da. “Gerenciamento de Sistemas Agroindustriais: Definições e Correntes metodologias”. In: *Gestão Agroindustrial*. 2º edição, São Paulo, SP: Atlas, 2001 (volume 1).
- BELLON, S.; LAMINE, C.; OLLIVIER, G.; ABREU, L. S. de. “The relationships between organic farming and agroecology”. ISOFAR SCIENTIFIC CONFERENCE, 3.; In: *IFOAM ORGANIC WORLD CONGRESS*, 17., 2011, Gyeonggi Paldang. Organic is life. Knowledge

for tomorrow: proceedings. Bonn: ISOFAR, 2011. p. 235-238. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/917959>> Acesso em: 04 de jul. 2016.

BONILLA, E. B. P. *Caracterização de Cadeia Produtiva do Mel Catarinense: Os casos das associações de apicultores de Bom Retiro e da Encosta da Serra*. 2012. 147f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

BRANCHER, P. C. “Importância da certificação na definição dos preços dos produtos orgânicos praticados na região metropolitana de Curitiba”. In: *CONGRESSO DA SOBER*, 42, 2004, Cuiabá - MT. Anais... Cuiabá, MT: SOBER. CD-ROM.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº. 7 de 17/05/1999, publicado no Diário Oficial da República Federativa do Brasil em 19/05/1999. Disponível em: <<http://extranet.agricultura.gov.br/sislegis-consulta/consultarLegislacao.do>> Acesso em: 29 de jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº. 50 de 05 de Novembro de 2009 publicado no Diário Oficial da República Federativa do Brasil em 06/11/2009. Disponível em: <<http://extranet.agricultura.gov.br/sislegis-consulta/consultarLegislacao.do?operacao=visualizar&id=20967>> Acesso em: 04 de set. 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Lei nº. 10.831 de 23/12/2003 publicada no Diário Oficial da República Federativa do Brasil em 24/12/2003. Disponível em: <<http://extranet.agricultura.gov.br/sislegis-consulta/consultarLegislacao.do>>. Acesso em: 22 de jun. 2016.

BRUM, A. L.; MÜLLER, P. K. *A realidade da cadeia do trigo no Brasil: o elo produtores/cooperativas*. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 46, n. 1, p. 145-169, 2008.

CABRAL, L. *Economia industrial*. Alfragide: McGraw-Hill, 1994. 238p.

CAIXÊTA, J. C. *Análise da produção e consumo de hortaliças orgânicas na região metropolitana de Goiânia - GO*. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Produção Sustentável) - Universidade Católica de Goiás. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2537>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

CALEMAN, S. M. Q.; CUNHA, C. F. da. *Estrutura e conduta da agroindústria exportadora de carne bovina no Brasil*. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras, v. 13, n. 1, p. 93-108, 2011. Disponível em: ><http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/133912/2/7%20Artigo%2008.435.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

CANUTO, J. C.; SILVEIRA, M. A. da; MARQUES, J. F. *O sentido da agricultura familiar para o futuro da agroecologia*. Ciência & Ambiente, Santa Maria, v. 1, n.1, p. 57-63, 1994.

CAPANHOLA, C.; VALARINI, P. J. *A Agricultura Orgânica e Seu Potencial para o Pequeno Agricultor*. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.18, n.3, p.69-101, set./dez. 2001.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Agroecologia. Enfoque científico e estratégico*. Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent., Porto Alegre, v.3, n.2, abr./jun., 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. 1.ed. Brasília: MDA/SAF, 2004.

CARLTON, D. W.; PERLOFF, J. M. *Modern industrial organization*. 3. ed. Reading: Addison-Wesley, p. 2-10, 1999.

CARLTON, B. ; PERLOFF, J. *Modern industrial organization*. Harper Collins, 1994.

CASTRO, A. M. G. de. “Análise da Competitividade de Cadeias Produtivas”. Manaus, 2000. In: Workshop Cadeias Produtivas e Extensão Rural na Amazônia, promovido pela Suframa. Disponível em: <<http://www.suframa.gov.br/download/publicacoes/accp.pdf>>. Acesso em 03 set. 2016.

CEPLAC, Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. *Certificação Orgânica*. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/busca.asp?busca=CERTIFICA%C7%C3O>> Acesso em: 29 de ago. 2016.

CRUZ, C. *Tenha uma estratégia antes de agir*. CJF/CEJ – BIG Jus – Boletim de Informações Gerenciais da Justiça Federal – Ano II, n. 14, jul. 2009.

DA SILVA CÉSAR, A.; BATALHA, M. O.; PIMENTA, M. L. A certificação orgânica como fator estratégico na governança das transações no mercado de alimentos. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 10, n. 3, 2011.

DAROLT, M. R. *As Dimensões da Sustentabilidade: Um estudo da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba-PR*. Curitiba, 2001. Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná/Paris VII. 310 p.

DAROLT, M. R. *A Evolução da Agricultura Orgânica no Contexto Brasileiro*. 2000. Disponível em <<http://www.planetaorganico.com.br/brasil.htm> Acesso em 02/11/2009>. Acesso em: 04 set. 2016.

DAROLT, M. R. *Agricultura orgânica: inventando o futuro*. Londrina: IAPAR, 2002.

DAROLT, M. R. *Guia do produtor orgânico: como produzir em harmonia com a natureza*. Londrina: IAPAR, 41 p. 2002.

DENOBILO, T. *Modelo de gestão estratégica com foco no cliente para a comercialização de produtos orgânicos*. 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DULLEY, R. D. *Agricultura Orgânica, Biodinâmica, Natural, Agroecológica Ou Ecológica?* Informações Econômicas, São Paulo, v. 33, nº 10, Outubro, 2003. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/OUT/publicacoes/pdf/seto3-1003.pdf>> Acesso em: 25 de ago. 2016.

ELY, R. N. *Uma Análise da Indústria Sucroalcooleira no Brasil*. 2007. 99f. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/gee4/images/producao/monografia/403/2004-mercado-de-alcool-combustivel1-1.PDF>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

EMBRAPA, *Sistemas de Produção, 2 - 2ª Edição, Versão Eletrônica Dez./2006*.

*Falta de qualificação, insumos e pesquisas dificulta o trabalho de produtores orgânicos*. Sociedade Nacional de Agricultura, 2016. Disponível em: <<http://sna.agr.br/falta-de-qualificacao-insumos-e-pesquisas-dificulta-o-trabalho-de-produtores-organicos/>> Acesso em: 18 de jun. 2016.

FERGUSON, P.; FERGUSON, G. *Industrial economics: issues and perspectives*. 2. ed. Basingstoke: Macmillan, 1994.

FERRARI, D. L. *Cadeias Agroalimentares Curtas: A Construção Social de Mercados de Qualidade pelos Agricultores Familiares em Santa Catarina*. 2011. 345f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FINATTO, R. A.; SALOMONI, G. *Agricultura Familiar e Agroecologia: Perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/RS*. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (2): p.199-217, Dez. 2008.

FONSECA, M. F. de A. C. *A construção social do mercado de alimentos orgânicos: estratégias dos diferentes atores da rede de produção e comercialização de frutas, legumes e verduras (FLV) in natura no Estado do Rio de Janeiro*. 2000. 235 p. Tese (Mestrado em Desenvolvimento e Agricultura) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FONSECA, M. F. de A. C.; NOBRE, F. Tensões, negociações e desafios aos processos de certificação na agricultura orgânica. In: AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. (Org.). *Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura sustentável*. Brasília: Embrapa, 2005. p. 215-236

FRANCO, G. L. et al. “O Paradigma Estrutura-Condução-Desempenho: Estudo de Caso de Empresa de Aço do Estado de Rondônia”. In: *Encontro Nacional de Engenharia de Produção*, 35, 2015, Fortaleza. Anais... ENEGEP, Fortaleza: ABEPRO, 2015.

FRANCO, F. P.; HIRATA, A. R.; ROCHA, L. C. D.; VEIGA, J. C.; CORSINI, I.; GUERRERO, A. R.; LABIGALINI, I. A Certificação participativa para produtos orgânicos e os procedimentos do OPAC Sul de Minas: da constituição ao funcionamento. In: *Jornada Científica e Tecnológica*, 6. Pouso Alegre/MG, 2014. CD-ROM

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia - Processos ecológicos em agricultura sustentável*. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável*. 2ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

GRAZIANO NETO, F. *Questão agrária e ecologia: crítica à moderna agricultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. 156 p. (Coleção Primeiros Vãos, 12). Hortas nas Escolas. Disponível em: <<http://www.dourados.ms.gov.br/index.php/avanca-o-cultivo-de-organicos-nas-hortas-escolares-de-dourados/>> Acesso em: 13 jun. 2016.

GRAZIANO, G. O.; CAMPANARIO, M. de A.; FILHO, M. de F. C. *Produtos Orgânicos: As Ferramentas de Marketing Para sua Sustentabilidade Econômica*. Revista de Gestão Social e Ambiental – RGSA, São Paulo, v. 5, n. 3, p. X-XX, set./dez. 2011.

HANSEN, P. B. *Um modelo meso-análítico de medição de desempenho competitivo de cadeias produtivas*. 2004. 352f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HECTH, S. B. “Bases Teóricas de la Agroecología”. In: ALTIERI, M. A. et al. *AGROECOLOGIA: Bases científicas para uma agricultura sustentável*. Montevideo, Uruguai: Nordan Comunicad, 1999, p. 15-30. Disponível em: < <https://www.socla.co/wp-content/uploads/2014/Agroecologia-Altieri-Portugues.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2016.

HERNÁNDEZ XOLOCOTZI E. *Agroecosistemas de Mexico: Contribuciones a la Enseñanza, Investigación, y Divulgación Agrícola*. Colegio de Postgraduados, Chapingo. Ed. 1977.

HINTERHOLZ, B.; RIBEIRO, V. M. *Feira agroecológica: uma alternativa para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar orgânica no município de Medianeira – PR: o caso da AAFEMED*. Synergismus scyentifica UTFPR. Pato Branco, v.6, n.1, 2011.

HOLANDA FILHO, S. B. *Estrutura industrial no Brasil: concentração e diversificação*. IPEA/INPES, 1983.

KOTLER, P. *Administração de marketing*. 10. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2000.

KHATOUNIAN, C. A. Estratégias de conversão para a agricultura orgânica. In: *Simpósio de Agricultura Ecológica, 2.; Encontro de Agricultura Orgânica, 1.*, 1999, São Paulo. Agricultura ecológica. Guaíba : Livraria e Editora Agropecuária, 1999. p. 57-71. Editado por E. Ambrosano.

KHATOUNIAN, C.A. *A reconstrução ecológica da agricultura*. Botucatu: Agroecológica, 2001, pg. 43.

KNY, M. A. et al. “Análise comparativa dos valores pessoais dos produtores e consumidores de produtos orgânicos”. In: *ENCONTRO DA ANPAD*, 29. 2005. Brasília. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

KUPFER, D. Padrões de concorrência e competitividade. In: *ENCONTRO NACIONAL DA ANPEC*, 20, 1992, São Paulo. Anais... São Paulo, 1992.

LIU, M. *O Brasil orgânico do século XXI*. – Organic S Brasil, 2015 Disponível em: <[http://www.organicbrasil.org/pt/imprensa\\_detalhe/221/o-brasil-organico-do-seculo-xxi](http://www.organicbrasil.org/pt/imprensa_detalhe/221/o-brasil-organico-do-seculo-xxi)> Acesso em: 27 de jul. 2016.

LOMBARDI, M. S.; MOORI, R. G.; SATO, G. *Um Estudo Exploratório dos Fatores Relevantes na Decisão de Compra de Produtos Orgânicos*. Revista de Administração Mackenzie, v. 5, n. 1, p. 13–34. 2004.

LOPES, H. C. “O Setor Calçadista do Vale dos Sinos/RS: Um Estudo a partir do Modelo Estrutura-Condução-Desempenho”. In: *Encontro de Economia da Região Sul – ANPEC SUL*, 15., Santo Ângelo-RS, 2012. p. 1-20.

LOSS, A. T.; ROMAGNHA, M. J. F. *Benefícios e desafios da agricultura orgânica no município de Santa Teresa, ES: um estudo de caso*. Natureza, v. 6, n. 2, p. 79-85, 2008.

MALHOTRA, N. K. *Pesquisa De Marketing: Uma Orientação Aplicada*. – 6 ed. – São Paulo: Bookman Companhia ED, 2011.

MAPA, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. *Orientações Técnicas*. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos/orientacoes-tecnicas>> Acesso em: 05 de set. 2016.

MAPA, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. *Perguntas e Respostas: Quais são as práticas comuns no processo de plantio dos produtos orgânicos?* Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/portal/page/portal/Internet-MAPA/pagina-inicial/desenvolvimento-sustentavel/organicos/o-que-e-agricultura-organica/perguntas-e-respostas>> Acesso em: 06 set. 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. – São Paulo : Atlas, 2010.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. – 7. ed. – 3. reimpr. – São Paulo : Atlas, 2010.

MARSDEN, T.; BANKS, J.; BRISTOW, G. *Food supply chain approaches: exploring their role in rural development*. Sociologia Ruralis, v.40, n.4, p.424-438, 2000.

MASON, E. *Price and Production Policies of Large-Scale Enterprise*. American Economic Review, v. 1, n. 29, p. 61–74, 1939.

MAZZOLENI, E. M.; NOGUEIRA, J. M. *Agricultura orgânica: características básicas do seu produtor*. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, v. 44, n. 2, p. 263-293, Junho 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032006000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032006000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 ago. 2016.

MEIRELLES, L. R. & RUPP, L.C.D. *Agricultura Ecológica - Princípios Básicos*. 2005. Disponível em: <<http://www.centroecologico.org.br/agricultura.php>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

MEIRELLES, L. A certificação de produtos orgânicos: caminhos e descaminhos, 2003. Centro Ecológico Ipê. Disponível em: <[centroecologico.org.br/certificacao\\_participativa.php?id\\_categoria=8](http://centroecologico.org.br/certificacao_participativa.php?id_categoria=8)>. Acesso em 04 de mar. 2017.

MORO, E. J. *O Mercado que separa Agricultura Orgânica e Agroecológica*. Fundação Antonio Meneghetti & Faculdade Antonio Meneghetti – Recanto Maestro 2011. Disponível em: <<http://www.reciprocidade.org.br/home/>> Acesso em: 06 ago. 2016.

MOTTA, I. de S.; LEONEL, L. A. K.; PADOVAN, M. P.; SOUZA, M. T. de. “Horticultura agroecológica em escala familiar em Mato Grosso do Sul”. 2º In: *Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul* – Embrapa Agropecuária Oeste, Dourados-MS, 20 e 21 de Novembro de 2008.

NETO, N. C. et al. *Produção Orgânica: Uma Potencialidade Estratégica para a Agricultura Familiar*. Revista Percurso – NEMO, Maringá, v.2, n. 2, p. 73-95, 2010.

NEUTZLING, D. M.; CALLADO, A. L. C.; GAMARRA, J. E. T.; RODRIGUEZ, I. C. Consumidor de Alimentos Orgânicos: um estudo na feira dos agricultores ecologistas (FAE) de Porto Alegre. In: *XLVIII Congresso SOBER, 2009*. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/770.pdf>> Acesso em: 05 mar. 2017.

NEVES, M. C. P.; ALMEIDA, D. L. de; DE-POLLI, H.; GUERRA, J. G. M.; RIBEIRO, R. de L. D. *Agricultura orgânica - uma estratégia para o desenvolvimento de sistemas agrícolas sustentáveis*. Seropédica: Editora Universidade Rural, 2004. 113 p.

OLIVEIRA, M. A. C. de; SAIMBUICHI, R. H. R.; SILVA, A. P. M. da. *Experiências agroecológicas brasileiras: uma análise à luz do desenvolvimento local*. Revista Brasileira de Agroecologia . 8 (2): 14-27, 2013.

OLIVEIRA, M. F. de.; *Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. – Catalão : UFG, 2011. 72 p.

OLIVEIRA, V. C. et al. *Comercialização de produtos agroecológicos: relato de experiência da feira agroecológica da cidade de Lagoa Seca, PB*. Cadernos de Agroecologia, v. 8, n. 2, 2013.

ORGANICS NET, *Por que o mercado de orgânicos ainda não deslanchou no Brasil?*. Disponível em: <<http://www.organicsnet.com.br/2015/11/por-que-o-mercado-de-organicos-ainda-nao-deslanchou-no-brasil/>> Acesso em: 08 jul. 2016.

ORMOND, J. G. P. et al. *Agricultura orgânica: quando o passado é futuro*. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, mar. 2002.

PADOVAN, D. S. da S.; *Avanços e desafios no processo de certificação da produção orgânica no estado de Mato Grosso do Sul*. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios). Universidade Federal da Grande Dourados.

PADOVAN, M. P. et al. "A Agroecologia no Estado de Mato Grosso do Sul". In: PADOVAN, M. P.; et al. (Org.). *Agroecologia em Mato Grosso do Sul: Princípios, Fundamentos e Experiências*. 2. ed. Dourados: Embrapa Agropecuária Oeste, 2002. p. 121 - 127.

PADOVAN, M. P.; MOTTA, I. S.; URCHEI, M. A.; HERNANI, L. C.; CARVALHO, K. N. de C.; SAGRILO, E.; ARMANDO, M. S.; RANGEL, M. A. S. *A pesquisa e desenvolvimento sob enfoque agroecológico na Embrapa Agropecuária Oeste: um processo em construção*. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 4, n. 2, p. 2144-2148, 2009.

PADOVAN, D. S. S.; NASCIMENTO, J. S.; PADUA GOMES, J. B.; FERNANDES, S. S. L.; PADOVAN, M. P. *Transição agroecológica na agricultura familiar em Mato Grosso do Sul: alguns avanços e desafios*. *Cadernos de Agroecologia*, v. 9, n. 4, 2014.

PÁDUA, J. B. *Produção e comercialização de produtos orgânicos pela agricultura familiar em Mato Grosso do Sul*. 2014. 82 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

PADUA-GOMES, J. B.; PADOVAN, M. P. *Agricultura Orgânica de Base Familiar em Mato Grosso do Sul: Um panorama sobre a produção, comercialização, desafios e potencialidades do setor*. Novas Edições Acadêmicas, 2014.

PAULUS, G. *Do padrão moderno à Agricultura Alternativa: Possibilidades de Transição*. 1999. 105f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PEDRINI, S. *Apostila de cafeicultura ESACMA - Escola Superior de Agricultura e Ciências de Machado Machado-MG*, 2000.

PEDROZO, E. A.; BEGNIS, H. S. M.; ESTIVALETE, V. F. *Análise do Ambiente Competitivo como Determinante das Escolhas Estratégicas no Agronegócio: Um Estudo de Caso em uma Unidade de Produção Avícola*. Revista ConTexto, v. 5, n. 8, p. 1-26 2º semestre, 2005. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/11263> > Acesso em: 28 ago. 2016.

*Pelo desenvolvimento e saúde, Murilo leva feira de orgânicos também ao Parque dos Ipês*. Dourados, 2015. Disponível em: <<http://www.dourados.ms.gov.br/index.php/pelo-desenvolvimento-e-saude-murilo-leva-feira-de-organicos-tambem-ao-parque-dos-ipes/>> Acesso em 13 de jun. 2016.

PENTEADO, S. R. *Introdução à Agricultura Orgânica*. Viçosa: Aprenda Fácil, 2003.

PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S. de. (org) *Manual de Economia* – Equipe de professores da USP. Saraiva. Rio de Janeiro. 6ª Edição. 2011.

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. *Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development*. Environment and Planning. v.35, p.393-410, 2003.

REZENDE, A. M. B. (2006). *Perfil de consumidores e a representação social sobre alimentos orgânicos em feiras livres dos municípios de Vila Velha e Vitória*. Tese. Universidade do Estado do Espírito Santo.

SCARABELOT, M.; SCHNEIDER, S. *As Cadeias Agroalimentares Curtas e Desenvolvimento Local* – Um Estudo de Caso no Município de Nova Veneza/SC. Revista Faz Ciência, v. 15, n. 20, p. 101-130, 2012.

SCHERER, F. M.; ROSS, D. *Industrial market structure and economic performance*. Boston: Houghton Mifflin, 1990.

SCHMITT, C. J. “Transição Agroecológica e o Desenvolvimento Rural: Um olhar a partir da experiência brasileira”. In: SAUER, S.; BALESTRO, M, V. (Org.). *Agroecologia: e os desafios da transição agroecológica*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SHULTZ, G. *As cadeias produtivas dos alimentos orgânicos comercializados na Feira da Agricultura Ecológica em Porto Alegre – RS: lógica de produção e/ou de distribuição*. 2001. 192 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios do Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

SERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. *Metodologia Científica*. – 6 ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. – 23. ed. rev. e atual. – São Paulo : Cortez, 2007.

SEVERO, L. S.; PEDROZO, E. A. *A citricultura orgânica na região do Vale do Caí (RS): racionalidade substantiva ou instrumental*. Revista de Administração Mackenzie, v. 9, n. 2, p. 58-81. 2008.

SILVA, C. E. M.; SAUER, S.; BALESTRO, M. V. *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. São Paulo - SP, 2009.

SILVA, D. M.; CÂMARA, M. R. G.; Merchandising for organics products in supermarkets: an exploratory study of the consumer behavior. In: *Congresso Internacional de Economia e Gestão de Redes Alimentares*, 5., 2005. Ribeirão Preto. Anais... Ribeirão Preto: USP, 2005.

SILVA, E. L. da.; MENEZES, E. M. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis : UFSC, 2005.

SILVA, M. G; SILVA, S. P. *Para Além do Acesso: Uma Análise entre Mercados Institucionais e Empreendimentos de Economia Solidária no meio Rural*. Mercado de Trabalho, v. 49, p. 87-93, 2011.

SILVA, E. B. da; CARDOSO, F. T.; SOUZA, G. G. de; ALMEID, A. *Perfil socioeconômicos de consumidores de produtos orgânicos*. Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, v. 8, n. 1, p. 83-89, 2013. Disponível em: <<http://gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/1811/1682>> Acesso em: 05 mar. 2017.

SILVA, A. F., MININ, V. P. R., RIBEIRO, M. M. Análise sensorial de diferentes marcas comerciais de café (*Coffea arábica* L.) orgânico. *Ciência e Agrotecnologia*, v.29, n.6, p.1224-1230, 2005. Disponível em: <<http://gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/1811/1682>> Acesso em: 05 mar. 2017.

SILVA, D. A. da; *O perfil do consumidor da feira de transição agroecológica do bairro Valentina Figueiredo, na cidade de João Pessoa - PB*. Revista Espaço Acadêmico, n. 107, p. 124-128, 2010. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9353/5481>> Acesso em: 06 mar. 2017.

SILVA, J. M. M. A. da. *Proposta de uma mapa estratégico baseado na análise SWOT do instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Amazonas – Campo de Coari*. 2013. 84f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

SIRIEIX, L. et al. “Comparing organic urban consumers in developing and developed countries: first results in Brazil and France”. In: *AIEA2 International Conference, 2007*, Londrina. Anais... Londrina: Aiea e Sober, 2007.

SOARES, P.; MARTINELLI, S. S.; FABRI, R. K.; MELGAREJO, L.; CAVALLI, S. B. “Certificação de alimentos orgânicos: dificuldades relatadas por agricultores familiares fornecedores da alimentação escolar em três municípios da região sul do Brasil”. In: *Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Cadernos de Agroecologia – v. 8, n. 2*, 2013.

SOUZA, M. C. M. *Informações Econômicas*, São Paulo, 33(3): 7-16, 2003.

SOUZA, M.C.M. “Produtos orgânicos”. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M.F. (org). *Economia e Gestão dos Negócios Agro-alimentares*. São Paulo: Pioneira, 2000.

SOUZA, T. C.; PIRES, M. M. *Estrutura, conduta e desempenho do mercado brasileiro de salas de cinema*. In: SEMANA DE ECONOMIA, 11., 2012, Vitória da Conquista. Anais... Vitória da Conquista: UESB, 2012. p. 35.

SOUZA, W. A. P. de.; LOPES, L. de S.; ELTETO, Y. M.; TAVARES, P. D. *Caravana da vida das mulheres: quando a mulher aparece a agroecologia cresce*. Congresso Brasileiro de Ecologia, IX ed. Cadernos de Agroecologia, vol. 10, n. 3 de 2015.

SOUZA, A. A. de; SANTOS; P. C. T. dos; BEZERRA; O. M. de P. A. *Agroecologia: Centro colaborador em alimentação e nutrição do escolar CECANE/UFOP*. 2012.

STORCH, G. et al. *Caracterização de um grupo de produtores agroecológicos do Sul do Rio*

*Grande do Sul*. Revista Brasileira de Agrociência, v. 10, n. 3, p. 357-362, 2004.

TEIXEIRA; S. S.; MACHADO, A. L. T.; REIS, Â. V. dos; OLDONI, A. *Caracterização da Produção Agroecológica do Sul do Rio Grande do Sul e Sua Relação com a Mecanização Agrícola*. Eng. Agríc., Jaboticabal, v.29, n.1, p.162-171, jan./mar. 2009.

VIEIRA, N. de L.; *Análise do Perfil dos Agricultores, Agricultoras e Consumidores da Feira da Agricultura Familiar no Território do Médio Sertão Paraibano*. 2011. 60 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais, Área de Concentração Ecologia e Manejo dos Recursos Florestais). Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em: <[http://www.sifloresta.ufv.br/bitstream/handle/123456789/9628/dissertacao\\_Naftali%20de%20Lucena%20Vieira.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.sifloresta.ufv.br/bitstream/handle/123456789/9628/dissertacao_Naftali%20de%20Lucena%20Vieira.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 06 mar. 2017.

WEZEL, A.; JAUNEAU, J.C. “Agroecology – Interpretations, Approaches and Their Links to Nature Conservation, Rural Development and Ecotourism”. In: CAMPBELL, W. B; ORTÍZ, S. L. (Orgs.). *Integrating Agriculture, Conservation and Ecotourism: Examples from the Field*. London, New York: Springer, 2011, p. 303. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/226601131\\_Agroecology\\_-\\_Interpretations\\_Approaches\\_and\\_Their\\_Links\\_to\\_Nature\\_Conservation\\_Rural\\_Development\\_and\\_Ecotourism](https://www.researchgate.net/publication/226601131_Agroecology_-_Interpretations_Approaches_and_Their_Links_to_Nature_Conservation_Rural_Development_and_Ecotourism)> Acesso em: 20 ago. 2016.

WEZEL, A. et al. *Agroecology as a science, a movement and a practice. A review*. Agron. Sustain. Dev. V. 29, n. 4, oct-dec, 2009. Disponível em: <<http://www.agronomy-journal.org/articles/agro/abs/2009/04/a8122/a8122.html>> Acesso em: 20 ago. 2016.

WOORTMANN, Ellen; Woortmann, Klaas. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 1997.

ZAMBERLAN, L. BÜTTENBENDER, L. SPAREMBERGER, A. O comportamento do consumidor de produtos orgânicos e seus impactos nas estratégias de Marketing. Anais XXX Encontro da EnANPAD, Salvador, 2006. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-gctd-2027.pdf>> Acesso em: 05 mar. 2017.

ZYLBERSZTAJN, D. *Estruturas de Governança e coordenação do Agribusiness: uma aplicação da Nova Economia das Instituições*. 1995. 239f. Tese (Livre Docência em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZYLBERSZTAJN, D. “Conceitos gerais, evolução e apresentação do Sistema agroindustrial”. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (org.). *Economia e gestão dos negócios agroalimentares*. São Paulo, SP: Pioneira, 2000.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I

#### QUESTIONÁRIO – APLICADO AO PRODUTOR (AGROECOLÓGICO)

##### *Perfil*

##### **1. Idade:**

- até 20 anos  
 21 a 30 anos  
 31 a 40 anos  
 41 a 50 anos  
 mais de 50 anos

##### **2. Gênero**

- Homem  
 Mulher

##### **3. Grau de escolaridade:**

- ensino fundamental incompleto (1º grau)  
 ensino fundamental completo (1º grau)  
 ensino médio incompleto (2º grau)  
 ensino médio completo (2º grau)  
 ensino superior incompleto (graduação)  
 ensino superior completo (graduação)  
 outros: \_\_\_\_\_

**4. Quanto tempo atua na produção agroecológica?** \_\_\_\_\_

##### **5. Tem funcionários?**

- Sim Quantos: \_\_\_\_\_  
 Não

##### **6. É associado em alguma Cooperativa?**

- Sim.  
 Não.

##### **7. Tem algum tipo de incentivo técnico?**

- Sim.  
 Não. Motivo: \_\_\_\_\_

##### **8. Sua renda financeira é obtida somente da comercialização deste produto?**

- Sim  
 Não. Qual outros produtos comercializados? \_\_\_\_\_

##### *Desempenho*

##### **9. Possui algum selo identificando que o produto é de origem agroecológica?**

- Sim.  
 Não. Motivo: \_\_\_\_\_

**10. Com relação aos insumos, você realiza a compra com fornecedores ou produz em sua propriedade?**

- Compra com Fornecedores  
 Produz Insumos na Propriedade

**11. Atribua um grau de desempenho quanto aos fatores abaixo relacionados em relação as dificuldades e facilidades da atividade:**

1 – Muito Difícil / 2 – Difícil / 3 – Regular / 4 – Bom / 5 – Ótimo

Fatores	Desempenho				
					
	1	2	3	4	5
Acesso aos Insumos					
Produção dos Produtos					
Acesso à informações para Produção					
Incentivo Técnico					
Relação com o Consumidor					
Comercialização dos Produtos					
Local da Comercialização					

**12. Por qual motivo realiza a produção e a comercialização deste produto?**

---



---

**13. Na sua opinião o que falta melhorar nessa relação entre a empresa de insumos, os produtores e os órgãos reguladores?**

---



---

**APÊNDICE II**  
**QUESTIONÁRIO – APLICADO AO PRODUTOR (ORGÂNICO)**

*Perfil*

**1. Idade:**

- até 20 anos
- 21 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- mais de 50 anos

**2. Gênero**

- Homem
- Mulher

**3. Grau de escolaridade:**

- ensino fundamental incompleto (1º grau)
- ensino fundamental completo(1º grau)
- ensino médio incompleto (2º grau)
- ensino médio completo (2º grau)
- ensino superior incompleto (graduação)
- ensino superior completo (graduação)
- outros: \_\_\_\_\_

**4. Quanto tempo atua na produção orgânica? \_\_\_\_\_**

**5. Tem funcionários?**

- Sim Quantos: \_\_\_\_\_
- Não

**6. É associado em alguma Cooperativa?**

- Sim.
- Não.

**7. Tem algum tipo de incentivo técnico?**

- Sim.
- Não. Motivo: \_\_\_\_\_

**8. Sua renda financeira é obtida somente da comercialização deste produto?**

- Sim
- Não. Qual outro produto comercializa? \_\_\_\_\_

*Desempenho*

**9. Possui algum selo identificando que o produto é de origem orgânica?**

- Sim.
- Não. Motivo: \_\_\_\_\_

**10. Com relação aos insumos, você realiza a compra com fornecedores ou produz em sua propriedade?**

- Compra com Fornecedores
- Produz Insumos na Propriedade

**11. Atribua um grau de desempenho quanto aos fatores abaixo relacionados em relação as dificuldades e facilidades da atividade:**

1 – Muito Difícil / 2 – Difícil / 3 – Regular / 4 – Bom / 5 – Ótimo

Fatores	Desempenho				
					
	1	2	3	4	5
Acesso aos Insumos					
Produção dos Produtos					
Acesso à informações para Produção					
Incentivo Técnico					
Relação com o Consumidor					
Comercialização dos Produtos					
Local da Comercialização					

**12. Por qual motivo realiza a produção e a comercialização deste produto?**

---

**13. Na sua opinião o que falta para melhorar nessa relação entre a empresa de insumos, os produtores e os órgãos reguladores?**

---

**APÊNDICE III**  
**QUESTIONÁRIO – APLICADO CONSUMIDOR**

**Perfil**

**1. Idade:**

- até 20 anos  
 21 a 30 anos  
 31 a 40 anos  
 41 a 50 anos  
 mais de 50 anos

**2. Gênero**

- Homem  
 Mulher

**3. Grau de escolaridade:**

- ensino fundamental incompleto (1º grau)  
 ensino fundamental completo (1º grau)  
 ensino médio incompleto (2º grau)  
 ensino médio completo (2º grau)  
 ensino superior incompleto (graduação)  
 ensino superior completo (graduação)  
 outros: \_\_\_\_\_

**4. Qual a renda familiar?**

- 1 salário mínimo     1 a 2 salários mínimos     mais que 3 salários mínimos

**5. Com qual frequência você frequenta a feira?**

- Toda Semana  
 À cada 2 semanas  
 1 vez por mês

**Desempenho**

**6. Atribua um grau de desempenho quanto aos fatores abaixo relacionados em relação as frequência de compra dos produtos (*frutas, verduras e legumes*):**

1 – Nunca / 2 – Às vezes / 3 – Sempre

Fatores	Desempenho		
			
	1	2	3
Produtos Orgânicos			
Produtos Agroecológicos			
Produtos Comuns			

**7. Assinale os motivos pelos quais você não compra os produtos (frutas, verduras e legumes):**

1 – Preço / 2 – Local de Compra / 3 – Qualidade / 4 – Identificação do Produto / 5 – Variedade dos Produtos / 6 – Atendimento / 7 – Outros fatores  
(*pode marcar mais de uma opção*)

Fatores	Desempenho						
							
	1	2	3	4	5	6	7
Produtos Orgânicos							
Produtos Agroecológicos							
Produtos Comuns							

**8. Assinale os motivos pelos quais você compra os produtos (frutas, verduras e legumes):**

1 – Preço / 2 – Local de Compra / 3 – Qualidade / 4 – Identificação do Produto / 5 – Variedade dos Produtos / 6 – Atendimento / 7 – Outros fatores  
(*pode marcar mais de uma opção*)

Fatores	Desempenho						
							
	1	2	3	4	5	6	7
Produtos Orgânicos							
Produtos Agroecológicos							
Produtos Comuns							

**9. Você considera importante o selo de identificação da origem do produto?**

Fatores		
	SIM	NÃO
Produtos Orgânicos		
Produtos Agroecológicos		
Produtos Comuns		

**10. Como você identifica a origem do produto?**

- Pergunta ao Vendedor  
 Procura o selo/embalagem que identificam a origem do produto

**11. Na sua opinião o que falta melhorar com relação aos produtos (*frutas, verduras e legumes*) vendidos nas feiras?**

---

---

**APÊNDICE IV**  
**ENTREVISTA – APLICADO AO ÓRGÃO CERTIFICADOR Nº 1**

Empresa: Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (APOMS)

Responsável: \_\_\_\_\_

Data: 27/01/2017

1. A associação trabalha com produtores orgânicos e produtores agroecológicos?
2. Que tipo de suporte a associação dá à estes produtores? (orgânicos e agroecológicos)

***Produtores Orgânicos***

1. Sobre a produção orgânica, atualmente, quais os agentes e condições básicas são necessárias para esta cadeia se manter ativa? (agentes envolvidos, insumos necessários para a produção, regulamentações, certificação etc)
2. Em média existem quantos produtores certificados hoje na cidade de Dourados?
3. Ligado à pergunta anterior, atualmente, existem produtores que comercializam os produtos orgânicos sem estarem certificados?
4. A primeira iniciativa da certificação parte dos produtores, ou a associação que expõe a proposta de regulamentação aos produtores?
5. Quais os fatores de resistência apresentados pelos produtores para aderirem à certificação?
6. Quais os fatores de dificuldade enfrentados pela associação para a realização das certificações?
7. Quais as exigências para se certificar um produto hoje?
8. Existe um custo para a certificação?
9. Quais os benefícios em ter um produto certificado?
10. Existe um acompanhamento técnico regular com os produtores certificados? De quanto em quanto tempo?
11. Você considera a certificação como fator relevante para a comercialização dos produtos orgânicos?
12. Existe hoje um fornecedor de insumos orgânicos/agroecológicos na cidade capaz de atender esses produtores?
13. No seu ponto de vista, quais os gargalos na cadeia produtiva orgânica?
14. O que falta melhorar nessa relação entre o fornecedor de insumos, os produtores, órgãos reguladores e consumidores?

**APÊNDICE V**  
**ENTREVISTA – APLICADO AO ÓRGÃO CERTIFICADOR Nº 2**

Empresa: Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Micro Empresas (SEBRAE)

Responsável: \_\_\_\_\_

Data: 02/02/2017

1. O Sebrae trabalha com produtores orgânicos e produtores agroecológicos?
2. Que tipo de suporte o Sebrae dá a estes produtores? (orgânicos e agroecológicos)

***Produtores Agroecológicos***

1. Sobre a produção agroecológica, atualmente, quais os agentes e condições básicas são necessárias para esta cadeia se manter ativa? (agentes envolvidos, insumos necessários para a produção, regulamentações, etc.).
2. Quais as exigências devem ser atendidas para que a produção seja considerada agroecológica?
3. Existem fatores de resistência apresentados pelos produtores para manterem a produção como agroecológica?
4. Existe um fornecedor de insumos agroecológicos capaz de atender estes produtores?
5. Em média existem quantos produtores agroecológicos em acompanhamento técnico através do Sebrae?
6. Destes produtores em acompanhamento, em média quantos agricultores pretendem se certificar e quantos pretendem manter a produção agroecológica?
7. Esse acompanhamento realizado pelo Sebrae acontece de que forma? E com qual frequência?
8. Como a maioria dos produtores agroecológicos comercializam seus produtos? Mercados? Feiras? Venda Direta?
9. Quais os fatores de dificuldade enfrentados pelo Sebrae para dar suporte a estes produtores?
10. Quais os benefícios em produzir de forma agroecológica e não orgânica?
11. No seu ponto de vista, quais os gargalos na cadeia produtiva agroecológica?

### *Produtores Orgânicos*

1. Qual o procedimento realizado pelo Sebrae para realizar a certificação de produtos como orgânicos?
2. Quais as exigências devem ser atendidas para que a produção seja considerada orgânica?
3. Em média existem quantos produtores orgânicos certificados através do Sebrae/Certificadora hoje na cidade de Dourados?
4. A primeira iniciativa da certificação parte dos produtores, ou o Sebrae que expõe a proposta de regulamentação aos produtores?
5. Quais os fatores de resistência apresentados pelos produtores para aderirem à certificação?
6. Quais os fatores de dificuldade enfrentados pelo Sebrae/Certificadora para a realização das certificações?
7. Quais as exigências para se certificar um produto hoje?
8. Existe um custo para a certificação?
9. Quais os benefícios em ter um produto certificado?
10. Existe um acompanhamento técnico regular com os produtores certificados através do Sebrae/Certificadora? De quanto em quanto tempo?
11. Você considera a certificação como fator relevante para a comercialização dos produtos orgânicos?
12. Existe hoje um fornecedor de insumos orgânicos na cidade capaz de atender esses produtores?
13. Como a maioria dos produtores orgânicos comercializam seus produtos? Mercados? Feiras? Venda Direta?
14. No seu ponto de vista, quais os gargalos na cadeia produtiva orgânica? E quais os benefícios?
15. O que falta melhorar nessa relação entre o fornecedor de insumos, os produtores, órgãos reguladores e consumidores?

**APÊNDICE VI**  
**ENTREVISTA – APLICADA AO FORNECEDOR DE INSUMOS**

Empresa: \_\_\_\_\_

Responsável: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Qual o porte da empresa?
2. Quantos funcionários trabalham na empresa?
3. Onde a empresa se localiza? É de fácil acesso?
4. A empresa atende em média quantos produtores hoje?
5. A empresa atende apenas produtores da cidade de Dourados, ou atende região também?
6. A empresa atende tanto produtores orgânicos, agroecológicos e convencionais, ou atende apenas um segmento?
7. Hoje a empresa comercializa apenas insumos ou comercializa outros produtos para complemento da renda financeira?
8. Se a empresa comercializa apenas insumos, é viável financeiramente falando?
9. Quais os insumos comercializados?
10. Quais os outros produtos comercializados?
11. Quais as dificuldades da empresa para a comercialização dos insumos?
12. A empresa revende insumos e produz o próprio insumo ou realiza apenas uma das atividades?
13. A empresa busca estar se atualizando quanto aos novos insumos e tecnologias disponibilizados no mercado fora da cidade?
14. A empresa atende alguma exigência dos órgãos reguladores para comercializar estes insumos?
15. Existe concorrência com outras empresas que comercializam estes insumos e demais produtos?
16. Existe alguma dificuldade na relação com os produtores?
17. A empresa possui alguma parceria com os órgãos reguladores, empresas de certificações ou alguma instituição que dê algum suporte técnico?
18. Na sua opinião o que falta para melhorar nessa relação entre a empresa de insumos, os produtores e os órgãos reguladores?
19. O que falta para melhorar na sua empresa hoje?